

MENOS QUE NADA

Roteiro de Carlos Gerbase,  
Colaboração de Celso Gutfreind e Marcelo Backes  
Inspirado pelo conto "O diário de Redegonda",  
de Arthur Schnitzler  
e pelo ensaio "Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen"  
de Sigmund Freud

9º tratamento - 17/11/2010

\*\*\*\*\*

*Cartão - fundo preto; letras brancas:*

CORO

Vossa existência, frágeis mortais,  
é aos meus olhos menos que nada.  
Felicidade só conheceis imaginada  
*"Édipo Rei" - Sófocles*

*Créditos iniciais superpostos às falésias da Lagoa Mirim e  
ao vento deslocando a areia. Letras dos nomes e funções  
numa tipologia de ossos e articulações.*

CENA 1 - PRAÇA MAURÍCIO CARDOSO - EXTERIOR - DIA

Um MENINO, 10 anos, empurra uma MENINA, 10 anos, no balanço. A menina usa um chapeuzinho de pano amarelo na cabeça e óculos com lentes grossas. Os dois estão se divertindo bastante. A menina sai do balanço e começa a correr. O menino corre atrás dela, tentando tocá-la. Os dois gritam, felizes. Uma MULHER JOVEM, 30 anos, sentada num banco da praça, com um livro no colo, observa a cena e sorri. A menina se esquivava, o menino se esforça, até que consegue tocá-la. Invertem-se os papéis: agora é a menina que "pega". A MÃE, 45 anos, surge na praça, e olha a movimentação das crianças. Parece preocupada, mais do que isso, parece doente. A mulher jovem acena para a menina. O menino tenta subir um pequeno barranco gramado, mas a menina o agarra. Os dois caem, sempre rindo. Acabam deitados e abraçados. A mãe observa-os. Não gosta do que vê. (CLOSE 3D) Dá as costas para a cena e abandona a praça. As crianças continuam brincando.

CENA 2 - APARTAMENTO FAMÍLIA BECKER / QUARTO - INTERIOR DIA

A mãe está sentada na cama, com o joelho entre os braços. O quarto tem alguma decoração religiosa. Ouvimos o barulho de uma porta se abrindo e a voz de uma criança.

MENINO (OFF)

Tchau!

Uma porta se fecha. A mãe olha na direção da porta do quarto.

MÃE

*(bem alto)* Filho! Vem aqui.

O menino entra no quarto. A mãe olha para ele, com uma expressão fria, e bate com a mão na cama.

MÃE

Senta.

O menino senta no local indicado.

MÃE

Eu te vi lá na praça, com a Bê. Vi tudo. *(pausa)*  
Deus castiga. Nunca mais te comporta assim. Nunca mais!

O menino olha para a mãe, preocupado.

MÃE

*(olhar frio, quase inexpressivo)* Promete!

MENINO

*(CLOSE 3D)* Prometo.

CENA 3 - PRAÇA / RECANTO - EXTERIOR - DIA

O menino e a menina (usando o mesmo chapéu amarelo) estão num recanto da praça protegido pela vegetação, sentados na estátua de pedra de um leão deitado.

MENINA

Por quê?

O menino olha para baixo e permanece calado.

MENINA

Olha pra mim.

O menino obedece.

MENINA

Uma vez tu disse que gostava do meu chapéu. Tu quer ficar com ele?

MENINO

Quero.

MENINA

Eu te dou. (pausa) Se tu me der um beijo.

O menino não sabe o que fazer. A menina tira o chapéu e entrega-o para o menino. Os dois ficam se olhando por um tempo. Timidamente, o menino se inclina e beija a menina. Depois, angustiado, levanta-se e sai correndo, com o chapéu na mão. A menina acompanha a fuga, triste.

#### CENA 4 - EDIFÍCIO FAMÍLIA BECKER - EXTERIOR - DIA

O menino, ainda correndo, mas sem o chapéu na mão, aproxima-se de um edifício baixo e modesto. Há uma ambulância estacionada em frente. O menino passa pela ambulância e entra no edifício.

#### CENA 5 - EDIFÍCIO FAMÍLIA BECKER / CORREDOR DO PRÉDIO - INTERIOR - DIA

O menino sai do elevador (ou termina de subir a escada) e se aproxima do apto., que está com a porta aberta. Surpreso, percebe que há um movimento intenso no interior do apartamento. Uma maca, carregando o corpo da mãe, está sendo retirada do apto. por DOIS ENFERMEIROS e um MÉDICO. A maca é levada para a escada, cruzando pelo menino (câmera), que olha para o rosto inerte da mãe (passa bem perto do rosto dele). Uma MULHER DE AVENTAL, 40 anos, assustada, sai do apto. e olha para o menino. A mulher coloca a mão na cabeça do menino e começa a chorar.

MULHER DE AVENTAL  
O teu pai já vem.

A mulher volta para apto. Sozinho, o menino tira o chapéu amarelo do bolso e fica olhando para ele.

CARTÃO: "25 anos depois" (sobre uma imagem do HPSP)

#### CENA 6 - SEQUENCIA DE PASSAGEM / HPSP - EXTERIOR - DIA

Imagens externas (jardins) do HPSP, com os prédios mais antigos ao fundo.

#### CENA 7 - HPSP / JARDIM FRONTAL - EXTERIOR - DIA

A DRA. PAULA, 25 anos, e o DR. SÉRGIO, 45 anos, ambos de avental branco, descem a escada. Os dois caminham pelo jardim do Hospital Psiquiátrico São Pedro. Não ouvimos o que eles conversam. Paula avista alguma coisa, pára e observa.

PAULA (OFF)

O objeto deste estudo foi escolhido ao acaso, durante a primeira semana do meu estágio. O acaso não é muito científico, mas é muito humano. Não me arrependo da minha escolha.

DANTE, 35 anos, com a roupa dos internos do HPSP. Param e observam. Dante está acocorado, olhando fixamente para um galho de árvore espetado no chão. De vez em quando, também olha para uma cadeira quebrada, caída ao seu lado. Paula observa Dante. A expressão facial de Dante mantém-se uniforme, independente do que faz ou do objeto que atrai sua atenção.

Dante pega o galho de árvore espetado no chão e dá uma mordida nele. Estende o galho na direção da cadeira, como se o oferecesse. Dante levanta os olhos e observa Paula, que parece impressionada com o que vê. Dante volta sua atenção para a cadeira quebrada. Aproxima-se dela. Acaricia a cadeira. Fica de joelhos, atrás dela, e inicia o que talvez seja uma relação sexual com a cadeira. Há outros internos nas imediações, mas a cena não causa maiores reações.

SÉRGIO

Ele faz isso de vez em quando. Ninguém mais presta atenção.

PAULA

É sempre igual?

SÉRGIO

Às vezes ele fica mais agitado, já nos deu muito trabalho. Alguns enfermeiros se recusam a chegar perto dele.

Dante volta a olhar para Paula. De repente, seu semblante transforma-se e exhibe medo.

SÉRGIO

No começo eu tentava interferir, mas depois desisti.

Dante grita, levanta-se, estende o braço, como se quisesse se defender, mas acaba saltando para trás. Rola no chão, bate na cadeira. Embola-se com ela. Consegue levantar-se, ergue o braço direito e dá um golpe de cima para baixo com uma arma imaginária. Depois, cambaleia e cai ao lado da cadeira.

SÉRGIO

Morreu. Ele fica assim por um tempo. Depois levanta e passa o resto do dia no buraco dele, lá dentro.

PAULA

Ele fala sobre o delírio?

SÉRGIO

Não. Ele não fala sobre nada.

Paula olha para Dante, que continua deitado, imóvel, de olhos fechados. Paula caminha na direção de Dante, Sérgio vai atrás dela. Os médicos aproximam-se de Dante.

PAULA

Como é o nome dele?

Sérgio vai responder, mas continua calado. Constrangido, percebe que esqueceu o nome do paciente.

CENA 8 - HPSP / SALA DO DR.SÉRGIO - INTERIOR - DIA

A sala é pequena e bagunçada. A decoração é meio decadente. Sérgio retira um grande caderno de uma estante e coloca-o numa pilha de cadernos semelhantes sobre a mesa. Examina-o, desiste e vai procurar outro caderno. Paula está sentada em frente à mesa, observando o colega, um pouco assustada. Finalmente, Sérgio pega um caderno, bem amassado e sujo, que coloca em cima da mesa. Abre o caderno e folheia algumas páginas. Sorri, aliviado.

SÉRGIO

Dante. Dante Becker. Está aqui desde o final de 99. Chegou dois anos antes de mim. *(pausa; lê alguma coisa)* E provavelmente vai continuar por aqui. Tá tomando uma dose bem pesada de haloperidol.

PAULA

Posso olhar?

SÉRGIO

Claro.

Paula olha rapidamente para o caderno.

PAULA

Onde tá o prontuário?

SÉRGIO

Esse é o prontuário.

PAULA

Aqui só tem um diagnóstico de oito anos atrás. Não tem nada sobre a família dele, as mudanças de medicação...

SÉRGIO

Não sei se ele tem família. Não lembro de visitas.

PAULA

Mas...

SÉRGIO

Dra. Paula. Se a senhora quer mesmo fazer residência aqui, vai ter que se acostumar com algumas coisas.

Paula coloca a pasta sobre a mesa e sorri, resignada.

CENA 9 - SEQUENCIA DE PASSAGEM / HPSP - INTERIOR - DIA

Corredores e salas do HPSP.

CENA 10 - HPSP / CORREDOR - INTERIOR - DIA

Paula (roupa diferente das cenas anteriores) caminha com passos largos ao lado de ESTEVÃO, 25 anos, alto e forte, vestido como enfermeiro. Cruzam por alguns INTERNOS e aproximam-se de ÚRSULA, 20 anos, sentada no chão, com a roupa do HPSP, toda encolhida, tremendo. Ela tem um cachecol (ou um lenço) amarelo enrolado no pescoço. Paula se agacha ao lado dela.

PAULA

O que foi?

ÚRSULA

Ele veio atrás de mim.

PAULA

Ele te machucou?

ÚRSULA

Ele veio atrás de mim.

ESTEVÃO

Doutora!

Paula ergue os olhos para Estevão, que aponta para uma janela do corredor. Paula levanta-se e olha para onde o enfermeiro está apontando.

CENA 11 - HPSP / JARDIM INTERNO - EXTERIOR - DIA

Ponto de vista de Paula. Dante está "transando" com uma cadeira. Olha para frente, vê alguma coisa que o assusta e joga-se para trás. Começa a debater-se.

CENA 12 - HPSP / JARDIM INTERNO - EXTERIOR - DIA

Dante está "morto", perto de um buraco no solo, deitado sobre a cadeira num ângulo absurdo e certamente desconfortável. A cadeira perdeu um dos pés. Paula está sentada no chão, bem perto dele, esperando. Estevão, mais distante, acompanha a situação. Dante abre os olhos e a primeira coisa que vê é o rosto de Paula. Ele não reage.

PAULA

A Úrsula ficou assustada.

Dante permanece deitado. Olha para Paula, mas não parece entender o que ela diz.

PAULA

Ela chegou ontem, ainda não te conhece. Da próxima vez, não corre atrás dela, tá bom?

Dante apenas olha para Paula. Parece surpreso com alguma coisa. Ela levanta-se e afasta-se. Ouve alguma coisa às suas costas. Volta-se. Dante está se esforçando para colocar o pé de volta na cadeira e equilibrá-la. Paula acompanha seu esforço. Quando a cadeira pára de pé, Dante aponta para a cadeira. Paula caminha devagar até a cadeira e sorri.

PAULA

Obrigada, Dante. Agora não posso. Mas amanhã eu volto, tá bem? Meu nome é Paula. *(pausa)* Paula.

Dante pega a cadeira e afasta-se. Pára. Entra no buraco e começa a cavar com as próprias mãos. Paula observa-o em silêncio.

CENA 13 - HPSP / SALA DO DR.SÉRGIO - INTERIOR - DIA

Paula escreve alguma coisa num computador portátil. Está sozinha numa sala grande, com móveis antigos, em mau estado de conservação. Sérgio entra e senta ao lado dela.

SÉRGIO

Falei com o doutor Fischer. Ele disse que um estagiário levou as anotações sobre o Dante pra casa e nunca devolveu. Mas o Fischer conseguiu recuperar alguns dados.

Sérgio mostra um papel com três nomes, seguidos de telefones e endereços.

SÉRGIO

No começo ele recebia visitas de três pessoas: o pai, uma professora da faculdade e uma amiga.

Paula pega o papel.

PAULA

Eu tô pensando em fazer um estudo de caso com ele pro meu trabalho de conclusão.

SÉRGIO

*(ar cansado)* Pra quê? Ele é crônico, não vai mudar. Pega alguém que a gente possa imaginar uma evolução, uma história diferente.

Paula fica em silêncio.

SÉRGIO

Ele nunca teve uma melhora. Nunca conseguiu responder.

PAULA

Talvez ele queira perguntar. E se a gente tentar com a clozapina?

SÉRGIO

E quem vai tirar sangue dele pra fazer o controle? Tu acha que os enfermeiros vão chegar perto dele com uma seringa? Nem pensar.

PAULA

Dr. Sérgio, eu me responsabilizo.

Sérgio sacode a cabeça, incrédulo.

CENA 14 - HPSP / JARDIM INTERNO - EXTERIOR - DIA

Paula está sentada na cadeira quebrada de Dante, equilibrada precariamente no tronco de uma árvore. Ela observa Dante, dentro do buraco, cavando com as mãos. De vez em quando, ele olha para Paula, que sorri, maternal. O olhar de Dante está um pouco diferente da cena anterior. Menos uniforme. Menos esquizóide. A médica abre a sua bolsa e mostra uma pазinha de plástico para Dante. Ele se



aproxima e pega a pazinha. Examina-a rapidamente e quase sorri. Paula aproveita.

PAULA  
Gregório. Laura. Berenice.

Dante não reage. Continua examinando a pazinha.

PAULA  
Gregório é o nome do teu pai.

Dante pára de mexer na pá e olha para Paula.

PAULA  
A Laura era tua professora, e a Berenice era tua amiga.

Dante continua olhando para Laura.

PAULA  
Eu vou tentar falar com eles. Tudo bem pra ti?

Dante começa a cavar um buraco com a pá, bem ao lado dos pés de Paula.

PAULA  
Vamos fazer o seguinte: eu vou voltar, me sentar nessa cadeira e te dizer o que eu descobri sobre essas pessoas. E tu me mostra tudo que encontrar nesse buraco. Combinado?

Dante segue cavando. Paula levanta-se.

PAULA  
Tem uma outra coisa. Eu mudei a tua medicação. Agora o teu remédio é melhor. Muito melhor. Mas pra tu continuar tomando, toda a semana a gente vai ter que tirar uma amostra do teu sangue. O Estevão vai me ajudar, tudo bem?

Dante pára de cavar e observa a chegada de Estevão com o material. O enfermeiro está nervoso. Paula amarra a borracha e passa álcool no braço de Dante. Pega a seringa e mostra o que vai fazer, sempre tentando manter Dante calmo.

PAULA  
O Estevão tem mais prática que eu. É melhor ele fazer isso. Tudo bem?

Estevão, sempre receoso, tira o sangue de Dante, que percebe a chegada de Úrsula, curiosa com o que está acontecendo. Estevão termina o procedimento. Paula coloca um esparadrapo no local da picada. Estevão afasta-se.

PAULA  
Muito bem, Dante. Obrigado.

Paula se afasta. Dante volta a cavar, cada vez com mais energia, mas dá uma rápida olhada para Paula, que pára ao lado de Úrsula. De repente, Dante olha para elas. Parece perturbar-se. Levanta-se. Ergue a pá. Grita, ameaçador. As duas mulheres olham para ele. Úrsula está assustada. Estevão volta. Paula abraça Úrsula e olha para Dante. Ele está indeciso. Olha para a cadeira, para a pazinha em sua mão e para Paula. Depois, baixa o braço, senta-se e recomeça a cavar. Paula olha para Úrsula e Estevão e sorri.

CENA 15 - SALA DE LAURA / SALA - INTERIOR - DIA

Vídeo amador. Entrevista L1. Sentada numa poltrona, LAURA, 40 anos, fala.

LAURA  
Ele não era muito sociável. Tava sempre quieto, na dele. *(pausa)* Era mais velho que os outros. Às vezes me olhava e parecia que tava atravessando a minha cabeça. Era estranho. Tinha feito História e gostava de Arqueologia. Fez a especialização conosco e um tempo depois conseguiu um emprego numa empreiteira.

PAULA (FQ)  
Então ele estava trabalhando na época.

LAURA  
Tava. *(hesita)* Tu sabe o que é arqueologia de contrato?

PAULA (FQ)  
Não.

LAURA  
As construtoras têm que investigar se uma obra não vai destruir alguma coisa antiga, com valor arqueológico. O Dante verificava e fazia um relatório.

PAULA (FQ)  
Não parece ser um trabalho muito emocionante.

LAURA  
Não é mesmo, mas muita gente faz isso. *(pausa)* Depois que ele saiu da universidade, a gente perdeu contato. Eu não via o Dante há muito tempo. *(pausa)* Quando ele apareceu outra vez foi uma surpresa.

CENA 16 - PÁTIO DA UNIVERSIDADE - EXTERIOR - DIA (dez anos atrás)

Um micro-ônibus está estacionado na avenida em frente à universidade, na fachada do museu. Na calçada, ao lado do micro-ônibus, uns QUINZE ESTUDANTES (perto de 20 anos), quase todos com mochilas nas costas, cercam Laura (agora com 30 anos). Dante (agora com 25 anos) caminha rápido pela rua, hesita quando vê o micro-ônibus, pára, mas Laura o vê ao longe e abana.

LAURA  
Dante?

Ele se aproxima.

DANTE  
Oi, professora.

LAURA  
Quem bom te ver.

DANTE  
Eu quero ir.

LAURA  
(*indecisa*) Acho que tem dois lugares sobrando, mas como tu não tem mais vínculo com a faculdade...

DANTE  
(*cortando*) Tudo bem.

Dante dá as costas para Laura, que, surpresa, segura o braço de Dante.

LAURA  
Calma, Dante. Eu só ia dizer que não posso te dar certificado.

DANTE  
Não preciso de certificado.

LAURA  
Então entra. Eu tava esperando mais uma pessoa, mas acho que ela desistiu.

CENA 17 - MICRO-ÔNIBUS - INTERIOR - DIA

Dante entra e senta numa das primeiras filas, num banco vazio. Os estudantes começam a embarcar. Estão alegres, animados. Laura entra também, olha para o relógio de pulso e, meio a contragosto, faz sinal de positivo para o

MOTORISTA, que liga o motor e fecha a porta. O ônibus começa a se movimentar. RENÉ, 30 anos, usando óculos de lentes grossas, corre para o micro-ônibus e bate na porta. O motorista abre a porta, e ela entra, sorridente, com uma sacola a tiracolo e um chapéu na cabeça. Laura aproxima-se e a beija. Dante olha para as duas. Está muito impressionado com René.

RENÉ

*(para Laura)* Desculpe o atraso.

LAURA

*(para todos)* Pessoal, essa é a doutora René, da USP. Ela fez doutorado em Los Angeles, trabalhou no Quênia e escreveu...

RENÉ

*(cortando, meio envergonhada)* Bom dia, pessoal!

René acena, senta rápido num banco e puxa Laura, que senta ao seu lado. O micro-ônibus arranca. Dante de vez em quando olha para René, mas apenas por alguns instantes, como se tivesse medo de encará-la. Os estudantes estão agitados e alegres. René respira fundo antes de falar.

RENÉ

Dormi demais. Ontem fiquei até tarde no computador, preparando umas lâminas novas.

LAURA

*(tranqüilizadora)* Então agora descansa. Aproveita o passeio.

René encosta a cabeça no banco e fecha os olhos. Respira fundo mais uma vez, sem notar o efeito que provoca em Dante, mas Laura percebe alguma coisa.

CENA 18 - SEQUENCIA DE PASSAGEM / PRAIA - EXTERIOR - DIA

Imagens da praia, das dunas, do sambaqui.

CENA 19 - ARROIO DO SAL / SAMBAQUI - EXTERIOR - DIA

Dante, com um chapéu na cabeça, acompanha à distância os deslocamentos de René pelo sambaqui. Ela é guiada por Laura. Os estudantes já estão espalhados pelo local, fazendo anotações, mexendo nas conchas e fotografando tudo. Uma equipe de TV (uma REPÓRTER e um OPERADOR DE CÂMERA). aproxima-se de Laura. Dante, para disfarçar, também tira algumas fotos e segue observando René, que faz diversas anotações num caderno pequeno de capa dura.

Laura aproxima-se de René e a apresenta para a equipe de TV. Dante acompanha tudo, não muito longe dali. Laura e René vão ser entrevistadas. O operador de câmera faz uma panorâmica pelo terreno. Dante percebe que está em quadro e afasta-se rapidamente, com o corpo contraído, encurvado.

CENA 20 - SALA DE LAURA / SALA - INTERIOR - DIA

Vídeo amador. Entrevista L1. Laura continua falando.

LAURA

Foi só isso. Ele ficou lá, olhando, fazendo umas fotos. Quietos como sempre.

CENA 21 - HPSP / JARDIM INTERNO - EXTERIOR - DIA

O computador portátil de Paula está sobre o assento da cadeira quebrada, que por sua vez está sustentada por alguns tijolos. Dante e Paula, sentados no chão, ao lado do buraco, estão vendo o vídeo de Laura na tela do computador.

LAURA (FQ)

Eu tenho saudade do Dante. *(emocionada)* Ele era muito especial. Pena que eu não pude ajudar.

Paula dá uma pausa, congelando a imagem de Laura e olha para Dante. Ele está com a pazinha na mão. Paula coloca um braço sobre os ombros de Dante, maternal. É um gesto rápido, mas suficiente para demonstrar seu afeto.

PAULA

Viu? Ela lembra bem de ti.

Dante baixa os olhos, entra no buraco e começa a cavar com a pazinha.

PAULA

Foi fácil falar com a Laura e com o teu pai. Eles moram aqui em Porto Alegre. Mas a Berenice foi mais difícil. Ela mora longe, num lugar muito bonito, na beira de uma lagoa. Acho que tu conhece esse lugar.

CENA 22 - SEQUENCIA DE PASSAGEM / LAGOA MIRIM - EXTERIOR - DIA

Imagens do entorno da Lagoa Mirim: vegetação lacustre, água, vento movendo a areia, a pousada de Berenice, próxima à lagoa.

CENA 23 - POUSADA DE BERENICE / SACADA - EXTERIOR - DIA

Vídeo amador. Entrevista B1. BERENICE, 35 anos, sentada numa cadeira de madeira, fala. Toma chimarrão e come uma cuca, que oferece para quem está atrás da câmera. Ao fundo a lagoa Mirim.

BERENICE

Pra contar o que aconteceu naquele dia, eu tenho que falar sobre muitas coisas que aconteceram antes. É complicado.

PAULA (FQ)

Não tem problema.

BERENICE

*(hesita)* Não sei por onde começar.

PAULA (FQ)

Como tu conheceu o Dante?

BERENICE

*(sorri, meio melancólica)* Quando a gente era pequeno morava na mesma rua e estudava no mesmo colégio. Enfim... Éramos muito amigos. Aí... *(hesita)* Eu me mudei. Fiquei muitos anos sem ver o Dante. *(mais uma hesitação, mais longa)* Eu já estava casada com o Ciro.

PAULA (FQ)

Como vocês se reencontraram?

BERENICE

Quando meu pai morreu, fiquei com essas terras, e o Ciro resolveu fazer uma pousada. Minha mãe emprestou um dinheiro, e as obras estavam começando.

CENA 24 - PROMONTÓRIO PERTO DE LAGOA MIRIM - EXTERIOR - DIA  
(dez anos atrás)

Num modesto canteiro de obras, Berenice (agora com 25 anos), acompanha TRÊS OPERÁRIOS nos trabalhos de construção de uma escada de madeira, destinada a ligar o promontório à praia. DEVANOR, 40 anos, o mestre-de-obras, orienta os operários. Um deles, com uma pá, está escavando a barranca (formada por areia, argila e sedimentos), quando sua ferramenta bate em algo sólido, que chama sua atenção. Ele se agacha, pega um objeto, tira um pouco da areia que o cobre, mas não consegue identificar o que é.

OPERÁRIO

Devanor!

O mestre-de-obras aproxima-se, pega o objeto, que é cilíndrico, pontudo, e tem uns 15 centímetros de comprimento por 5 de espessura. Tenta limpá-lo mais um pouco e, tão curioso quanto o operário, observa o achado. Depois, leva o objeto para Berenice, que começa a examiná-lo. Ela não tem a menor idéia do que é.

CENA 25 - APARTAMENTO FAMÍLIA BECKER / SALA - INTERIOR - DIA

Vídeo amador. Entrevista G1. SEU GREGÓRIO, 70 anos, aparência triste e cansada, fala. Está sentado num sofá desbotado. A tinta na parede está descascada. Todo o ambiente parece velho e mal-cuidado.

SEU GREGÓRIO

O meu filho sempre viveu em outro planeta. Era muito difícil falar com ele. Tão difícil que às vezes eu nem tentava. Mas naquele dia, o Dante tava diferente. Eu achei que tinha acontecido alguma coisa importante. *(pausa)* Eu fiquei contente.

CENA 26 - APARTAMENTO FAMÍLIA BECKER / QUARTO DE DANTE - INTERIOR - NOITE

Seu Gregório, agora com 60 anos, está no computador, com um fone de ouvido, e não percebe a entrada de Dante. Ele está no MSN, teclando com alguém (no canto da tela, aparece a foto de uma mulher de uns 50 anos).

DANTE

Pai.

Seu Gregório não ouve.

DANTE

*(bem mais alto)* Pai!

Seu Gregório vira-se, tira os fones de ouvido e sorri para Dante.

SEU GREGÓRIO

Oi, Dante. Olha só. Tu acha que ela é muito moça pra mim?

DANTE

Eu tenho que fazer uma pesquisa.

Seu Gregório levanta-se.

SEU GREGÓRIO

Claro.

Dante senta onde antes estava seu pai. Dante abre o Google. Seu Gregório fica olhando para a tela, o que incomoda Dante. Ele fala sem virar-se para o pai.

DANTE

Eu trouxe umas revistas. Estão lá na sala.

Seu Gregório afasta-se. Começamos a ouvir o som da TV na sala. Dante digita "René" e "paleo-antropologia" no Google e examina rapidamente a lista de links. Depois abre a página de busca de imagens e digita as mesmas palavras. Surgem seis pequenas fotos. Apenas uma parece ser da René que Dante está procurando. Dante clica sobre o ícone. A foto ampliada começa a aparecer. É mesmo René, num site do programa de pós-graduação em arqueologia da UFRJ. Ela está sorridente, segurando o que parece ser um crânio humano muito antigo numa mão e um fêmur na outra.

SEU GREGÓRIO (OFF)

Bonita.

Dante, irritado, vira-se para o pai, que está com uma revista de esportes embaixo do braço.

DANTE

O senhor não tem nada que fazer?

SEU GREGÓRIO

Não, até começar o noticiário, não.

Dante fecha o Google.

DANTE

O senhor não percebe que, às vezes, é muito chato?

SEU GREGÓRIO

Percebo. Mas o que eu posso fazer? Já tô velho, não vou mudar. Mas tu ainda é novo, Dante. Pode fazer muitas coisas. *(aponta para a foto)* Se eu tivesse a tua idade, já tava fazendo.

Dante olha para o pai, irritado.

SEU GREGÓRIO

Vou olhar o noticiário.

Seu Gregório sai, na direção da sala.



CENA 27 - CASA DE BERENICE / SALA - INTERIOR - NOITE

Berenice entra na sala com um sanduíche e um copo de suco nas mãos. Coloca ambos sobre uma mesinha ao lado de uma poltrona e liga o aparelho de som. Começa um rock, em volume baixo. Ela senta na poltrona e, com o controle remoto, liga a TV, sem som. Começa a zapear. CIRO, 40 anos, barba por fazer, abre a porta da rua e entra na sala. Olha para Berenice e sorri, sem muito entusiasmo.

CIRO  
Oi.

BERENICE  
Oi. Quer um sanduíche?

CIRO  
Não. Já comi.

Ciro sai da sala, na direção da cozinha.

BERENICE  
*(na direção da porta da cozinha)* Eu não sabia o que fazer na obra. *(pausa)* Então começamos a escada.

Ciro volta da cozinha com um copo e uma garrafa de uísque.

CIRO  
Tudo bem.

Ciro senta noutra poltrona. Toma um gole grande.

BERENICE  
Podia ter ligado.

CIRO  
Eu tava na prefeitura. *(pausa)* Que merda de música é essa?

Berenice fica quieta.

CIRO  
Bota o som da TV.

BERENICE  
Prefiro a música.

Ciro olha para Berenice, mais irritado, e continua bebendo.

BERENICE  
Tu disse que não ia mais beber.

CIRO

Disse? Não lembro. *(pausa)* Decidi abrir um camping em abril.

BERENICE

*(surpresa)* Mas agora que a estrada tá pronta... A mamãe disse que...

CIRO

*(cortando; imita a voz de Berenice)* "A mamãe disse que..." A tua mãe que se foda. Em que mundo tu tá? Precisamos ganhar algum dinheiro.

BERENICE

Tu disse que o empréstimo era pra fazer uma pousada, e agora tu diz que é um camping...

CIRO

Não enche o saco.

BERENICE

A mamãe...

CIRO

*(cortando)* Pára de falar da tua mãe! Aquela velha fica me aporrrinhando por telefone o dia inteiro. Aí eu chego em casa e continuo ouvindo... Porra!

Ciro pega o controle remoto e aumenta o volume da TV, que fica bem mais alto que o do aparelho de som. Berenice levanta. Vai sair da sala, mas então dá uma olhada na imagem da TV e pára. Dante está aparecendo, em primeiro plano, num dos *inserts* feitos para cobrir o OFF da repórter.

REPÓRTER (OFF)

...exploração e ignorância. Mesmo assim, os sambaquis de Arroio do Sal podem guardar alguns segredos importantes para a arqueologia brasileira. A visita da doutora René Heller, que é uma especialista de renome nacional em evolução humana, talvez chame a atenção para a luta pela preservação de sítios como este.

René fala com a repórter.

RENÉ

É uma pena que aqui no Brasil não existam verbas para...

CENA 28 - APARTAMENTO FAMÍLIA BECKER / SALA - INTERIOR - NOITE

Seu Gregório vê o noticiário.

RENÉ (BG)

...estudar lugares como esse, que têm tantas histórias pra contar.

SEU GREGÓRIO

Ela tá na TV, Dante!

DANTE (OFF)

Ela quem?

CENA 29 - CASA DE BERENICE / SALA - INTERIOR - NOITE

Na TV da sala, continua a matéria.

RENÉ

Nos Estados Unidos, esses sambaquis certamente estariam protegidos, e as pesquisas...

A imagem e o som desaparecem, sendo substituídos por uma cena de novela. É Ciro, que, com o controle remoto na mão, está zapeando.

BERENICE

Eu tava olhando.

CIRO

Aquela chatice? Pra quê?

Ciro olha para Berenice e, desafiador, toma mais um gole do uísque. Berenice sai da sala, irritada.

CENA 30 - APARTAMENTO FAMÍLIA BECKER / SALA - INTERIOR - NOITE

Seu Gregório, sentado no sofá, e Dante, de pé, assistem ao final da matéria.

REPÓRTER

Amanhã, a dra. René Heller inicia o seu curso na PUC.

Seu Gregório aponta para a TV. Dante aparece outra vez, no fundo do quadro.

SEU GREGÓRIO

Olha lá! É tu, meu filho.

REPÓRTER (OFF)

Para o Jornal da Noite, Priscila Linhares.

Entra a vinheta de encerramento de bloco do tele-jornal. Seu Gregório olha para Dante.

SEU GREGÓRIO

Bem bonita, essa doutora. Tu vai ver ela de novo?

DANTE

Não.

Seu Gregório encara Dante.

SEU GREGÓRIO

Sabe uma coisa que tu não sabe fazer, meu filho? Mentir.

Dante vai dizer alguma coisa, mas desiste e sai da sala.

CENA 31 - SALA DE AULA NA UNIVERSIDADE - INTERIOR - DIA

A sala está quase lotada por JOVENS UNIVERSITÁRIOS. Laura e os estudantes da excursão estão espalhados pela sala. Laura percebe que Dante está assistindo à aula de René, que usa uma apresentação projetada numa tela às suas costas. As telas que se sucedem vão mostrando imagens de antepassados dos humanos.

RENÉ

Alguns de nossos antepassados sabiam fazer algumas coisas bem complicadas. Os australopithecus usavam o rosto e as mãos para se entender, e se entendiam relativamente bem. Os homo habilis fabricavam instrumentos de pedra e se comunicavam com alguns grunhidos e sinais. Os homo erectus tinham relações pessoais sofisticadas e caçavam em conjunto. Os homens de Neanderthal tinham uma linguagem oral sofisticada e sentimentos complexos, como amor e compaixão. Mas todos eles desapareceram, porque os seus cérebros não tinham a mais importante de todas as faculdades: a imaginação. Eles viviam no presente, no aqui e no agora, e isso é muito pouco.

As lâminas mostram imagens das pinturas nas cavernas de Lascaux e Altamira.

RENÉ

Imaginar o que virá, em vez de viver apenas o presente, abandonar a realidade e criar representações do mundo, é o que faz o homem ser homem. Tão importante quanto recordar o passado é

pensar num futuro, mesmo que ele só exista dentro das nossas mentes.

Dante, impressionado, olha para René.

RENÉ

Eu acredito que todo cientista tem que ter imaginação. A capacidade de criar imagens dá sentido para as nossas pesquisas.

Novas lâminas, com imagens bacanas de hominídeos, incluindo a de Luzia.

RENÉ

Imagens como essas vão fazer com que as pessoas acreditem na importância do nosso trabalho.

Uma nova lâmina mostra Luzia abraçada num "namorado" parecido com ela.

RENÉ

Uma ciência sem imaginação é uma ciência morta. Vamos imaginar. E vamos viver de verdade.

Dante olha para ela, impressionado.

CENA 32 - APARTAMENTO FAMÍLIA BECKER / SALA - INTERIOR - NOITE

Dante come um lanche com seu pai. Toca o interfone. Dante levanta e atende.

DANTE

Alô. (...) É. (...) Sou eu. (...) Não. Não lembro.

SEU GREGÓRIO

Quem é?

DANTE

*(para o pai)* Não sei. *(para o interfone)* Do colégio? (...) É melhor eu descer. Espera um pouco, por favor. *(coloca o fone no gancho; fala para o pai:)* É uma mulher. Diz que me conhece.

Gregório olha para o filho, surpreso.

CENA 33 - EDIFÍCIO / PORTARIA - INTERIOR - NOITE

Dante abre a porta. Vê Berenice, que sorri para ele. Dante não sorri de volta.

BERENICE

Oi, Dante. Vai dizer que não lembra?

DANTE  
Não.

BERENICE  
Eu sou a Berenice. Do Colégio Santa Família.

DANTE  
Berenice?

BERENICE  
É. A tua vizinha, a tua colega de escola. *(hesita)*  
A tua amiga.

DANTE  
*(embaraçado)* Acho que lembro, sim. Mas a Berenice usava óculos.

BERENICE  
Operei. Agora eu uso lentes.

DANTE  
*(ainda confuso)* Berenice...

Berenice abraça Dante. Ele não consegue esconder um certo mal-estar com a situação.

BERENICE  
Pô, finalmente. Nem faz tanto tempo... *(sorri)* Só um monte de anos...

Berenice desfaz o abraço.

BERENICE  
Desculpa chegar assim, sem avisar. Eu achava que era quase impossível que tu ainda morasse aqui, mas eu tava em Porto Alegre... *(pausa)* Bom... Eu queria te mostrar uma coisa.

DANTE  
Uma coisa?

BERENICE  
É. Eu te vi ontem, na TV, numa reportagem sobre um lugar cheio de conchas, não lembro o nome. Uma coisa de arqueologia... Te reconheci na hora. *(pausa; mexe na bolsa)* Eu não quero incomodar. Posso mostrar?

Ela tira um pacote plástico da bolsa e pega o fóssil. Mostra-o para Dante.

BERENICE

Parece um dente, né?

Ele pega o objeto e observa-o com curiosidade. A luz da portaria - fraca e amarelada - não ajuda o exame. Berenice olha para ele, curiosa.

DANTE

Eu preciso de mais luz. *(hesita)* Não quer subir?

Berenice sorri para Dante.

CENA 34 - APARTAMENTO FAMÍLIA BECKER / SALA - INTERIOR - NOITE

Seu Gregório envolve com as suas as mãos de Berenice. Dante acompanha o diálogo, meio sem-jeito.

SEU GREGÓRIO

Berenice. Eu lembro. Acho que lembro, sim. Naquele tempo eu não ficava muito em casa. *(pausa)* Agora eu tô aqui o tempo todo.

Seu Gregório não solta a mão de Berenice.

DANTE

*(para Gregório)* Pai, ela tá com pressa. *(para Berenice)* O meu quarto é ali.

Finalmente Seu Gregório desfaz o aperto de mãos. Berenice segue Dante para o quarto, sob o olhar atento do pai.

CENA 35 - APARTAMENTO FAMÍLIA BECKER / QUARTO DE DANTE - INTERIOR - NOITE

Dante, sentado na cama, examina o fóssil sob a luz da lâmpada de cabeceira. Berenice está de pé meio sem saber onde se sentar.

BERENICE

Encontramos ontem de manhã, lá na Vila do Taim. É um dente mesmo?

DANTE

Não sei.

Dante abre o seu roupeiro e olha para uma estante, procurando alguma coisa.

BERENICE

*(sorrindo)* Eu guardei esse negócio, e provavelmente iria esquecer que ele existe, mas aí eu te vi na TV...

Dante continua procurando alguma coisa pelo quarto.

BERENICE

Era muita coincidência... Eu tava vindo pra Porto Alegre, ver minha mãe, e não resisti.

Dante se agacha e olha embaixo da cama. Estende o braço e pega uma caixa de sapato. Abre a caixa. Finalmente acha seus instrumentos arqueológicos: um paquímetro, pincéis, uma lupa, pinças, etc. Dante tenta retirar a areia que cobre o osso. Berenice acompanha os movimentos de Dante e depois senta ao lado.

DANTE

Parece que é um fóssil... *(mede com o paquímetro)*  
Mas é grande demais pra ser um dente.

BERENICE

É antigo?

DANTE

Talvez. *(olha para Berenice)* Eu tenho que dar uma olhada no local onde ele foi achado.

BERENICE

*(sorrindo)* Tô voltando pra lá amanhã. É bem bonito. São só 300 quilômetros. Se quiser ir junto...

Dante pega uns livros na estante e começa a folhear. Pára de folhear. Olha para o livro aberto à sua frente. Vemos o que ele vê: o crânio fossilizado de um tigre de dentes de sabre (smilodon). Dante pega outro livro - Arqueologia da Pré-História do Rio Grande do Sul - e vê o desenho de um tigre de dentes de sabre, ao lado de outros animais da megafauna. Entra no Google e digita as palavras "smilodon" e "teeth". Aparecem várias pequenas fotos de crânios de tigres de dentes de sabre. Abre uma delas. Dante pega o dente achado perto da lagoa e o compara com os dentes da foto.

DANTE

Acho que vou aceitar o convite. *(mostra o dente)*  
Posso ficar com isso por enquanto?

BERENICE

Claro.

Dante guarda o osso no saco plástico e o coloca-o sobre a mesa. Berenice sorri para Dante, que sorri de volta.

CENA 35 A - CARRO / BR-116 - EXTERIOR - DIA



O carro de Berenice passa sobre a ponte do Guaíba, deixando Porto Alegre ao fundo.

CENA 36 - CARRO / BR-116 - INTERIOR/EXTERIOR - DIA

A estrada corta o Parque do Taim, com sua fauna abundante (capivaras, flamingos, pássaros variados). Berenice dirige e tenta puxar conversa. Dante observa Berenice. Está surpreso com os sinais de sua feminilidade.

BERENICE

Eu lembro bem do teu pai porque ele tinha um revólver na cintura. Eu morria de medo do revólver. *(pausa)* Depois que a tua mãe morreu, ele não quis casar de novo?

DANTE

Não.

Ficam em silêncio por algum tempo. O carro passa por uma placa que anuncia o acesso para a Vila do Taim.

DANTE

O teu marido faz o quê?

BERENICE

É engenheiro. Eu me formei em arquitetura, faço projetos, essas coisas. O Ciro sempre morou por aqui. No começo eu estranhei, me sentia solitária. Depois me habituei. *(pausa)* Nós vamos construir uma pousada na margem da lagoa. O terreno é muito bonito.

Dante apenas sorri, timidamente. O carro abandona o asfalto e entra numa estrada de terra.

CENA 37 - CARRO / ESTRADA DE TERRA - INTERIOR/EXTERIOR - DIA

O carro avança com certa dificuldade por uma estrada de terra, nas proximidades da Vila do Taim.

DANTE

Parece um lugar tranquilo.

BERENICE

A idéia é essa mesma: tranquilidade, silêncio e uma praia interminável. *(pausa)* Eu não tinha a menor idéia do que tu fazia até ver aquela reportagem. Nunca te imaginei como um arqueólogo.

DANTE

Eu não sou arqueólogo de verdade.

BERENICE  
(*meio decepcionada*) Não?

DANTE  
Sou contratado para liberar obras. Faço vistorias e depois preencho relatórios.

BERENICE  
Mas tu entende de ossos antigos, essas coisas...

DANTE  
Um pouco.

CENA 38 - VILA DO TAIM / BARRANCAS PERTO DA LAGOA MIRIM -  
EXTERIOR - DIA

Dante e Berenice estão na praia, perto dos operários que trabalham na escada. Berenice aponta para um ponto na barranca.

BERENICE  
O osso tava naquela parede ali.

Dante vai examinar a barranca. Há terra, areia, sedimentos e pedaços de pedra nas proximidades da parede. Dante se agacha e começa a mexer no solo, retirando as pedras e examinando-as. Abre uma mochila e retira uma colher de pedreiro. Com ela, escava a barranca. De repente, acha uma peça grande e comprida, e começa a retirar a terra que a cobre.

BERENICE  
Achou alguma coisa?

DANTE  
Talvez.

CIRO (FQ)  
O que vocês tão fazendo?

Ciro está atrás de Dante e Berenice. Ela se volta.

BERENICE  
Que susto, Ciro! Resolveu aparecer?

Berenice, sorridente, tenta beijar Ciro, mas ele não deixa.

BERENICE  
(*para Dante*) Meu marido, Ciro. (*para Ciro*) Esse é o Dante. (*pausa*) Dante Becker. Foi meu colega no colégio.

Dante levanta-se, deixando a peça no chão, e estende a mão para Ciro. Mas percebe que a mão está toda suja, e tenta limpá-la na calça.

CIRO  
Deixa pra lá. Prazer.

DANTE  
Prazer.

BERENICE  
Nós achamos um negócio estranho na barranca. Eu pedi que o Dante desse uma olhada. Ele é arqueólogo.

CIRO  
Um negócio estranho?

DANTE  
Provavelmente não é nada demais. Talvez um pedaço de osso de um boi, ou de um carneiro.

Dante se agacha, pega a peça que estava examinando e a mostra para Ciro.

DANTE  
Mas eu gostaria de examinar com mais calma.

Ciro olha, desconfiado, para a peça.

CIRO  
Examinar pra quê?

DANTE  
Talvez seja um fóssil.

CIRO  
Fóssil?

DANTE  
Um osso petrificado.

Ciro pega a peça, a examina por algum tempo e depois olha para Berenice. Parece mal-humorado.

CIRO  
Nós não temos tempo nem dinheiro pra ficar estudando ossos.

DANTE  
Não vai custar nada...

CIRO

(para Dante, agressivo) Eu não perguntei quanto vai custar. (para Berenice) Tu é arquiteta. Na verdade, tu é decoradora de interiores. Quem sabe tu deixa a obra por minha conta e vai desenhar um pouco?

Berenice fica vermelha.

CIRO

(para Dante) A minha mulher não tem muita experiência com essas coisas. Desculpa se ela te fez perder tempo. (faz um sinal para Devanor, que se aproxima) O Devanor vai te levar até o ponto do ônibus. (olha o relógio) Passa daqui a meia-hora.

BERENICE

(surpresa) Ciro, ele acabou de chegar.

CIRO

Mas já vai sair.

Dante olha para a peça, que continua na mão de Ciro.

DANTE

Eu posso levar o osso?

CIRO

Não.

BERENICE

Ciro, o Dante só está querendo ajudar.

CIRO

(para Devanor) Leva ele, Devanor.

Dante olha para Berenice, que está constrangida.

DANTE

Então... Tchau.

Berenice aproxima-se e dá dois beijos rápidos em Dante.

BERENICE

Depois a gente se fala.

DANTE

Claro.

Dante segue Devanor. Ciro olha para Berenice, com ar reprovador.

CENA 39 - Pousada de Berenice / Sacada - Exterior - Dia

Vídeo amador. Entrevista B1. Berenice continua falando.

BERENICE

O Ciro foi horrível. Eu achei que nunca mais ia ver o Dante.

CENA 40 - Apartamento Família Becker / Sala - Interior - Dia

Vídeo amador. Entrevista G1. Seu Gregório continua falando.

GREGÓRIO

Ele não me contou nada. Tudo bem, eu já tava acostumado mesmo. Mas ele continuava diferente.

PAULA (FQ)

Diferente como?

GREGÓRIO

Normalmente ele não ligava pra nada. E, de repente, estava... Mais agitado. *(pausa)* Mais vivo.

CENA 41 - Sala de Laura / Sala - Interior - Dia

Vídeo amador. Entrevista L1. Laura continua falando.

LAURA

Eu achei ótimo quando o Dante me ligou e pediu pra ir conosco outra vez. Ele sempre foi tão quieto... E agora parecia... Assim, ligado. Ele disse que queria falar comigo, mas não disse o que era.

PAULA (FQ)

E a Dra. René também foi nessa saída de campo?

LAURA

Foi.

PAULA (FQ)

E tu notou alguma coisa entre eles?

Laura hesita. Está indecisa.

LAURA

Alguma coisa aconteceu, mas não sei exatamente o quê. *(hesita mais uma vez)* É melhor tu falar com a René.

PAULA (FQ)  
Onde ela mora?

LAURA  
No Rio. Eu tentei entrar em contato com ela no ano passado, liguei, mandei e-mail, mas não consegui.

PAULA (FQ)  
Mas vocês continuam amigas?

LAURA  
Acho que sim. Mas ela agora é uma cientista famosa, tá sempre viajando. A gente ficou mais distante.

PAULA (FQ)  
Mas ela podia ter respondido os teus e-mails.

LAURA  
É. Podia.

A imagem de Laura congela.

CENA 42 - HPSP / JARDIM INTERNO - EXTERIOR - DIA

Dante olha a imagem congelada de Laura no computador portátil de Paula. Os dois estão sentados lado a lado, no chão. Ao fundo, o Dr. Sérgio acompanha a conversa, curioso. Dante está com os olhos grudados na tela. Paula fecha a tampa do computador e olha para Dante.

PAULA  
Eles lembraram de ti. Tu lembra deles?

Dante olha para Paula e, em vez de responder, pega uma caixinha que estava ao seu lado e começa a mostrar algumas pedras para Paula. Primeiro ela não entende, mas depois sorri.

PAULA  
Tu achou tudo isso naquele buraco?

Dante sorri, mostra a pazinha, já toda quebrada.

PAULA  
O que tu tá procurando, Dante? *(sorrindo)* Deve ter alguma coisa importante enterrada por aqui...

Dante continua mostrando as pedras. Parece que nem ouviu a pergunta. Paula pega em sua bolsa uma folha de ofício com uma foto impressa em baixa resolução. Mostra a folha para Dante.

PAULA  
Lembra dela, Dante? Dra. René.

Ele pára de mexer nas pedras. A reação é muito forte. Ele mal se mexe. Começa a respirar mais rápido. Suas mãos se crispam em volta da pazinha. Dante levanta-se. Está assustado.

PAULA  
Calma, Dante.

Dante grita e sai correndo na direção de um grupo de internos. Ergue a pazinha como se ela fosse uma arma. Os internos se assustam e abrem caminho. Dante passa por eles e desaparece atrás de um prédio. Sérgio aproxima-se de Paula.

SÉRGIO  
O que aconteceu?

Paula mostra a foto para Sérgio.

PAULA  
Ele viu isso aqui.

SÉRGIO  
E os vídeos?

PAULA  
Acho que não reconheceu ninguém. *(sacode a foto)*  
Mas essa aqui ele reconheceu. Tenho certeza.

SÉRGIO  
Quem é?

PAULA  
Uma cientista. Mora no Rio, mas estava aqui quando a primeira crise do Dante aconteceu. Já tentei entrar em contato, deixei recado com a secretária na faculdade, mas ela não responde. *(pausa)* Acho que ela não quer responder.

SÉRGIO  
Por quê?

PAULA  
Não faço a menor idéia.

Paula olha para a foto de René e fica pensando.

CENA 43 - CASA DE PAULA / QUARTO - INTERIOR - DIA

Sozinha no quarto Paula lê um livro de arqueologia da autoria de René Heller. O título do livro é "The First South Americans: evidence and imagination".

CENA 44 - CASA DE PAULA / SALA - INTERIOR - DIA

Paula faz meditação junto a um pequeno altar com imagens de Ganesh (com destaque) e outras divindades, como Shiva e Krishna. Há uma vela acesa sobre o altar.

CENA 45 - PRAIA - EXTERIOR - DIA

Uma praia deserta (Lagoa Mirim). As ondas, tranqüilas, avançam sobre a areia e depois recuam.

CENA 46 - CASA DE PAULA / SALA - INTERIOR - DIA

Paula continua fazendo meditação.

CENA 47 - HPSP / JARDIM INTERNO - EXTERIOR - DIA

Dante está cavando com sua pazinha.

CENA 48 - ZOOLOGICO - EXTERIOR - DIA

Um tigre caminha de um lado pro outro em sua jaula. Pára. Olha para a câmara.

CENA 49 - CASA DE PAULA / SALA - INTERIOR - DIA

Paula continua fazendo meditação.

CENA 50 - ZOOLOGICO - EXTERIOR - DIA

Um elefante olha para a câmara. Vemos um olho, depois o outro.

CENA 51 - HPSP / JARDIM INTERNO - EXTERIOR - DIA

Dante continua cavando com sua pazinha. Acha alguma coisa (que não vemos) e olha para sua descoberta.

CENA 52 - CASA DE PAULA / SALA - INTERIOR - DIA



(CLOSE 3D) Paula abre os olhos. Pensa um pouco. Apaga a vela do altar.

CENA 53 - HPSP / JARDIM INTERNO - EXTERIOR - DIA

Dante está cavando, perto do muro do jardim. Paula aproxima-se dele sem ser percebida. Ao abaixar-se para chamá-lo, a médica nota que Dante está mexendo os lábios e emitindo um fiapo de melodia, apenas algumas notas. Paula, surpresa, fica ouvindo o que Dante canta. Mas, quando ela tenta acompanhá-lo, cantando as mesmas notas, Dante volta-se para Paula e pára de cantar. Paula sorri.

PAULA  
Quer dar uma volta?

CENA 54 - HPSP / ESTACIONAMENTO / CARRO DE PAULA - EXTERIOR - DIA

Paula coloca o cinto de segurança em Dante. Ele está vestindo jeans e camiseta. Paula liga o carro. Dante olha em volta e parece estar mais "ligado" do que o normal. O carro arranca e sai do hospital.

CENA 55 - CAFETERIA - INTERIOR - DIA

Dante e Paula estão numa mesa de canto. Sobre a mesa, duas xícaras e dois pratinhos com migalhas de pão. A cafeteria, quase vazia no meio da tarde, tem janelas grandes, que mostram uma rua movimentada no lado de fora. O garçom se aproxima e deixa sobre a mesa um prato com uma fatia grande de torta e duas colheres. Paula pega uma das colheres e come um pouco da torta.

PAULA  
Tá muito boa. Não vai provar?

Dante, lentamente, pega a colher e come um pouco da torta. Paula sorri.

PAULA  
Eu não conheço essa música que tu tá cantando...

Paula começa a repetir as notas da música. Dante olha para ela. Paula insiste. Dante, pouco a pouco, começa a cantar, bem baixinho, junto com ela. Paula volta a sorrir. Dante não sorri, mas seus olhos parecem um pouco mais "vivos". Paula pára de cantar. Dante também pára.

PAULA

Dante, às vezes eu tenho medo de fazer alguma coisa que possa te machucar, mas... (pausa) Eu tenho que saber o que aconteceu. (pausa) Tá bom?

Dante estende a mão sobre a mesa, na direção de Paula. Paula segura a mão de Dante e a aperta. Eles se olham. Paula recomeça a cantar. Dante a acompanha, um pouco mais alto que antes.

CENA 56 - AVIÃO - INTERIOR - DIA

Paula, bem no fundo do avião, está com o computador aberto e fones de ouvido. Olha para a tela do computador, onde Laura está falando.

CENA 57 - SALA DE LAURA / SALA - INTERIOR - DIA

Vídeo amador. Entrevista L1. Laura.

LAURA

Durante um tempo, eu tentei entender o que aconteceu com o Dante. (pausa) Até fui visitar ele algumas vezes. Mas depois desisti. Acho que todo mundo desistiu. A vida da gente continua, né?

CENA 58 - SEQUENCIA DE PASSAGEM / FUNDÃO / ENTORNO DA UFRJ - EXTERIOR - DIA

Água estagnada, poluição, vegetação misturada com lixo. Sensação de imobilidade, de morte.

CENA 59 - UFRJ - INTERIOR - DIA

Paula está sentada num banco em um corredor da UFRJ. Quando René (agora com 40 anos) sai de uma sala, Paula levanta-se e vai ao seu encontro.

PAULA

Dra. René!

René pára.

RENÉ

Sim?

PAULA

Meu nome é Paula Guimarães. Eu sou psiquiatra. A gente não podia falar um pouco?

RENÉ

Sobre?

PAULA

Sobre um dos meus pacientes. Preciso só de alguns minutos.

RENÉ

Eu tenho uma reunião agora. Você pode marcar com a minha secretária.

Volta a caminhar. Paula não desiste e vai atrás.

PAULA

Já falei com a secretária. Várias vezes. Já expliquei que eu tenho um paciente chamado Dante Becker. A secretária nunca marcou nada. Eu vim de Porto Alegre especialmente pra falar contigo.

René pára e olha para Paula, desconfiada.

CENA 60 - SALA DE RENÉ NA UNIVERSIDADE - INTERIOR - DIA

Vídeo amador. Entrevista R1. René fala numa sala não muito grande, mas meticulosamente arrumada.

RENÉ

(*nervosa*) Pra que essa câmera?

PAULA (FQ)

Faz parte da minha pesquisa. Se tu quiser, eu desligo.

René olha para o lado. Parece prestes a abandonar a entrevista.

PAULA (FQ)

Eu gostaria que me contasse como conheceu o meu paciente.

RENÉ

Eu fui participar de um curso de arqueologia em Porto Alegre. Se esse Dante é quem eu estou pensando, ele era aluno da professora Laura.

PAULA (FQ)

Dra. René, tu sabe perfeitamente quem é o Dante. Eu já falei com a Laura e sei como ele foi importante na descoberta dos fósseis que tu tá estudando há anos.

RENÉ

O que você quer saber exatamente?

PAULA (FQ)

Eu quero saber tudo o que aconteceu até a descoberta dos fósseis.

RENÉ

Faz muito tempo. Não é fácil lembrar.

PAULA (FQ)

Faz um esforço, por favor.

René olha para a câmera, ainda nervosa.

RENÉ

Eu vou tentar.

CENA 61 - SAMBAQUI / ARROIO DO SAL - EXTERIOR - DIA

Um micro-ônibus pára na entrada do sambaqui. Laura e René descem, misturadas aos estudantes. Laura e René fotografam e fazem anotações. René nota a presença de Dante. Dante olha para ela e depois desvia os olhos. Dante aproxima-se de Laura.

DANTE

Professora, eu queria falar contigo.

LAURA

Claro. O que é?

René se intromete e aponta para um monte de conchas mais distante.

RENÉ

Aquele ali vocês já escavaram?

LAURA

Não. Quer dar uma olhada?

RENÉ

Quero.

ALUNO (FQ)

Laura! Achamos uma coisa.

LAURA

Já vou. *(para Dante)* Dante, não quer levar a René naquele sambaqui? Daqui a pouco eu também vou.

DANTE

Claro.

CENA 62 - SAMBAQUI / ARROIO DO SAL - EXTERIOR - DIA

René caminha sozinha por algum tempo. Dante aproxima-se um pouco dela. René se agacha. Parece ter visto algo interessante, numa fenda entre duas pedras semi-enterradas numa elevação de areia. Tenta erguer a pedra menor, mas ela resiste. Dante só observa. René esforça-se para erguer a pedra, ainda sem resultado. Dante hesita. Finalmente, caminha na direção de René.

DANTE  
Com licença.

Dante se agacha ao lado de René e ajuda a levantar a pedra. René desequilibra-se e cai, arrastando Dante com ela. René dá um grito. Os dois caem na areia. René olha para Dante e começa a rir. Dante sorri para ela, meio sem-jeito. René continua sorrindo. Dante olha para ela, fascinado.

CENA 63 - SACADA DE HOTEL EM ARROIO DO SAL - INTERIOR / EXTERIOR - FIM DO DIA

René está olhando para o mar, sozinha, com uma roupa de verão. Dante, no outro canto da sacada, preenche formulários. René coloca os braços em volta do corpo, como se estivesse com frio. Dante percebe o gesto. Lentamente, levanta-se, tira sua jaqueta, aproxima-se dela e estende a jaqueta para René. Ela sorri.

RENÉ  
Não imaginava que estava tão frio. Mas, e você?

DANTE  
Eu tô de manga comprida.

René veste a jaqueta e sorri, agradecida.

RENÉ  
Eu vou caminhar um pouco. Você não quer ir?

CENA 64 - ARROIO DO SAL / PRAIA - EXTERIOR - FIM DO DIA

Os dois caminham perto do mar.

RENÉ  
Posso fazer uma pergunta?

DANTE  
Claro.

RENÉ  
O que você tava escrevendo ali na sacada?

DANTE

Nada. Eu tava preenchendo formulários. É o meu trabalho.

RENÉ

Arqueologia de contrato?

DANTE

É.

RENÉ

Mas você continua interessado em sambaquis?

DANTE

Mais ou menos. Eu vim pra mostrar uma coisa para a professora Laura. Talvez seja um fóssil.

René olha para Dante, curiosa.

RENÉ

Um fóssil? *(pausa)* E já mostrou?

DANTE

Ainda não.

Dante pára de caminhar, pega o saco plástico no bolso e mostra a presa para René, que a examina.

RENÉ

Parece ser um dente... É um dente! Mas nunca vi um dente assim. *(pausa)* De onde ele saiu?

DANTE

Das barrancas perto da lagoa Mirim. Tem outros fósseis, mas eu só consegui pegar esse.

RENÉ

Eu gostaria muito de examinar melhor. Posso?

CENA 65 - HOTEL EM ARROIO DO SAL / QUARTO DE RENÉ -  
INTERIOR - NOITE

René e Dante estão sentados junto à pequena mesa do quarto de René. Ela usa suas ferramentas (pincéis de diversos tamanhos, paquímetro, réguas, pequenas espátulas, etc.) para limpar e examinar o fóssil. Dante acompanha tudo de perto. René coloca o fóssil bem embaixo da luz de cabeceira e o observa com uma lupa.

RENÉ

É extraordinário. Você não imaginou nada?

DANTE  
Eu... Dei uma olhada nuns livros.

RENÉ  
E...

DANTE  
Não é bem a minha área... *(hesita)* Achei parecido com a presa de um smilodon.

Os olhos de René brilham.

RENÉ  
Eu imaginei a mesma coisa. *(mostra a presa)* É uma presa, não tenho dúvida. Olha o tamanho disso... Eu tenho que pesquisar. Deixei meu computador em Porto Alegre. Será que tem internet aqui perto?

DANTE  
Talvez.

RENÉ  
Temos que comparar isso aqui com algumas fotos. Eu já examinei uma ossada completa de smilodon. *(pausa)* Tenho quase certeza... *(nova pausa)* Você disse que têm outros ossos nesse lugar?

DANTE  
Eu vi um osso grande. Talvez um fêmur humano.

RENÉ  
*(excitada)* Você tá brincando! Junto com o smilodon? E os caras continuam escavando tudo em volta?

DANTE  
Acho que sim.

RENÉ  
Nós temos que ir lá. Podem estar destruindo um tesouro.

DANTE  
O dono do terreno não foi com a minha cara.

René olha diretamente para Dante, pela primeira vez desde que começou a examinar o fóssil.

RENÉ  
A gente dá um jeito. *(pausa; pensa um pouco)* A não ser que você não queira que eu vá. Uma descoberta dessas... *(nova pausa)* Você mal me conhece, e eu não posso...

DANTE

(cortando) Eu preciso de ajuda.

René sorri para ele. Depois fica pensativa.

RENÉ

Por enquanto a gente não precisa falar nada pros outros. Essas coisas são complicadas. (estende a mão para Dante) Nós vamos trabalhar juntos, combinado?

Dante hesita antes de apertar a mão de René.

DANTE

Combinado.

RENÉ

Acho que eu consigo ir amanhã, pelas quatro da tarde.

Eles ficam por alguns instantes com as mãos juntas. Sorriem.

CENA 66 - CARRO - INTERIOR/EXTERIOR - ENTARDECER

Dante e René num carro, rumo ao Taim. Ela dirige. O automóvel, em alta velocidade, passa pelo Parque do Taim.

CENA 67 - VILA DO TAIM / PROMONTÓRIO / BARRANCAS PERTO DA LAGOA MIRIM - EXTERIOR - NOITE

O carro pára no acostamento da estrada que leva ao promontório. Dante e René desembarcam e seguem em frente, caminhando, com lanternas para iluminar o caminho. Ambos carregam mochilas nas costas. Passam por um abrigo improvisado para os operários, fechado e silencioso. Descem a barranca com alguma dificuldade e chegam ao local onde Dante encontrou o fêmur. Pegam pás de pedreiro nas mochilas e começam a escavar a barranca. Depois de algum tempo, René acha mais alguns ossos, de diferentes formatos e tamanhos, e alguns deles parecem ser humanos. René tira algumas fotos com flash. Dante encontra o que pode ser uma pedra lascada para ser a ponta de uma lança e a entrega para René. Ela fica muito entusiasmada.

RENÉ

Isso é maravilhoso!

Uma luz se acende no abrigo. Dante imediatamente fica muito tenso.

DANTE

(sussurrando) Nós temos que sair daqui.



RENÉ  
Não!

O olhar de Dante é de pânico, seus músculos se enrijecem, suas mãos se crispam. René observa essa reação e percebe a fragilidade psíquica de Dante. Ouve-se o barulho de uma porta abrindo.

DEVANOR (FQ)  
Quem taí?

Dante puxa René com força. Eles escondem-se numa fenda das barrancas. Um vulto, com uma lanterna, aproxima-se e examina a barranca, de cima, por algum tempo. Depois volta para o abrigo. René e Dante cautelosamente voltam para o sítio dos fósseis. Em silêncio, enchem as mochilas com os ossos e disfarçam os vestígios da escavação da melhor maneira possível. Levando mais alguns fósseis nas mãos, voltam para o carro.

CENA 68 - HOTEL - EXTERIOR - NOITE

O carro estaciona na frente de um hotel em Rio Grande.

CENA 69 - HOTEL / QUARTO - INTERIOR - NOITE

René e Dante limpam e examinam as peças. Há ossos humanos e de um smilodon, além da pedra lascada. René não consegue esconder sua excitação pelo que acharam e faz várias anotações no seu caderno.

RENÉ  
Eu nunca vi nada parecido, Dante. É... *(hesita)* É um absurdo esses fósseis estarem naquele barranco. Não tem sentido. Na verdade, não tem lógica nenhuma. O terreno não combina, é arenoso demais. *(pausa; segura um dos fósseis)* Mas eles estavam lá.

René vai colocando alguns fragmentos de ossos lado a lado.

RENÉ  
Eu tenho quase certeza que são ossos de mais de uma pessoa. Pelo menos duas. Uma maior que a outra. Talvez um homem e uma mulher. *(pausa)* E o tigre. *(pausa)* Nós temos que voltar lá e achar os crânios! E temos que embargar a obra!

DANTE  
Eles já têm os alvarás.

RENÉ  
(séria) Dante, você não tá entendendo.

Toca o telefone. Dante atende.

DANTE  
Sim? (...) Oi, Berenice.

Afasta-se um pouco de René a fala em voz baixa.

DANTE  
Eu... Tô em Rio Grande. Hotel Atlântico.

Coloca o fone no gancho. Olha para René, muito nervoso.

DANTE  
A Berenice, a dona do terreno, quer me ver. Tá vindo pra cá. Ela sabe que alguém esteve na barranca. O cara deve ter contado pra ela.

RENÉ  
Você falou pra ela sobre mim?

DANTE  
Não.

RENÉ  
Então tá tudo bem. Eu vou sair daqui, e você diz que foi lá, sozinho, mas não achou mais nada. Esconde todos os fósseis. (pausa) Ou quem sabe eu levo pro meu quarto? É mais seguro.

CENA 70 - SALA DE RENÉ NA UNIVERSIDADE - INTERIOR - DIA

Vídeo amador. Entrevista R1. René continua falando.

RENÉ  
Levei os fósseis pro meu quarto e fiquei esperando. Mas a conversa do Dante com essa Berenice foi longa. Na verdade... Acho que eles... Estavam... Você entende?

PAULA (FQ)  
Não. Eles estavam o quê?

RENÉ  
Eles tiveram uma relação sexual. Eu podia ouvir do meu quarto. Quando acordei, no dia seguinte, o Dante tinha ido embora. Resolvi voltar para Porto Alegre. Pensei em solicitar o embargo da obra, mas decidi ir para Los Angeles e fazer a datação o mais rápido possível. Eu pretendia levar o Dante junto, mas aí aconteceu... (pausa) Tudo aquilo. Acabei

viajando sozinha. A amiga do Dante autorizou que eu levasse os fósseis que eu já tinha comigo e depois ainda consegui voltar ao sítio e achar mais alguns. Foi isso.

PAULA (FQ)

E tu nunca mais viu o Dante?

RENÉ

Vi, em Porto Alegre, quando aconteceu toda aquela desgraça. Logo depois viajei, fiquei quase dois meses em Los Angeles e depois voltei pro Rio. Aí me disseram que ele tinha enlouquecido.

PAULA (FQ)

Quem disse isso pra ti?

RENÉ

O pai dele. Mas também falei com um médico, Dr. Fischer, se não me engano. Ele disse que o Dante era psicótico, que tinha alucinações, delirava, e que eu provavelmente nem conseguiria falar com ele.

PAULA (FQ)

Notei que no livro tem um agradecimento pra Berenice, por ela ter permitido o exame do terreno. Mas não há referência ao Dante.

RENÉ

*(irritada)* Ele foi um intermediário. Não descobriu os fósseis, nem participou dos estudos. O que você acha que eu deveria ter feito?

PAULA (FQ)

Ele era arqueólogo, levou o dente pra tu examinar. Ele não deveria ter algum crédito?

RENÉ

Não. Do ponto de vista científico, ele não fez nada.

PAULA (FQ)

Eu estou falando do ponto de vista humano.

RENÉ

*(irritada)* O que você quer dizer com isso? *(pausa)* Do ponto de vista humano... Eu mal o conhecia.

A imagem congela.

Dante olha a imagem congelada de René no computador portátil de Paula. Também parece estar congelado. Paula observa-o atentamente. De repente, Dante pega o computador, fecha a tampa e começa a caminhar com ele para longe de Paula, que o segue, preocupada.

PAULA  
Dante, por favor, devolve.

Dante pára, perto do buraco e se agacha. Coloca, com cuidado, o computador dentro do buraco. Paula senta-se ao lado dele. Dante pega a pazinha, vai colocar terra por cima do computador, mas Paula segura sua mão com suavidade e o impede. Dante olha para Paula antes de falar.

DANTE  
Mentira.

Paula está emocionada (*afinal, ele finalmente falou*), mas procura manter a calma. Paula tira o computador do buraco.

DANTE  
Mentira!

Dante levanta-se. Está agitado.

DANTE  
Mentira!

Paula também se levanta. Dante joga-se na direção de Paula e a abraça com força. Ela, mesmo um pouco assustada, corresponde e também o abraça.

PAULA  
Calma, Dante.

DANTE  
(*mais baixo*) Mentira! Mentira!

Dante desfaz o abraço e pega com violência o avental de Paula, que se rasga. Dante começa a puxar a blusa da médica, que se defende do jeito que pode. Estevão, a uns trinta metros dali, percebe o ataque.

ESTEVÃO  
Doutora!

Estevão começa a correr. Dante consegue jogar Paula no chão. Arranca a blusa e o sutiã dela. Observa os seios, fascinado. Estevão chega e joga-se sobre Dante, que tenta reagir. OUTROS DOIS ENFERMEIROS também chegam. Paula cobre-

se. Finalmente conseguem dominar Dante, que aponta para o computador e grita:

DANTE  
Mentira!

CENA 72 - HPSP / SALA DO DR.SÉRGIO - INTERIOR - DIA

Paula está se recompondo, sob o olhar atento de Estevão. O Dr. Sérgio chega, preocupado.

SÉRGIO  
Ele te machucou?

PAULA  
Não. Eu tô bem.

SÉRGIO  
(para Estevão) Pode sair.

Estevão sai.

SÉRGIO  
Eu disse que esse negócio dos vídeos era perigoso.  
Podia ter sido pior.

PAULA  
Mas ele falou comigo.

SÉRGIO  
E depois te atacou. Ninguém sabe como um paranóico interpreta uma imagem em vídeo.

PAULA  
Tu não entende? Há quanto tempo ele não falava?

SÉRGIO  
O que ele disse?

PAULA  
Primeiro ele tentou colocar o computador num buraco. Depois apontou pra tela e falou "mentira", várias vezes, cada vez mais agitado.

SÉRGIO  
Reação paranóide. Ele acha que as imagens são uma fantasia, uma mentira que tu tá contando pra ele. Daqui pra frente, ele pode te ver como uma inimiga.

PAULA  
Acho que não. (pensa um pouco) Eu nem sei se ele tava me chamando de mentirosa.

Sérgio olha para Paula, surpreso.

PAULA

Eu acredito nos psicóticos. Muito mais que nos lúcidos. Delírio ou não, ele acha que alguém tá mentindo. E eu também acho.

CENA 73 - Pousada de Berenice - Interior - Dia

Vídeo amador. Entrevista B2. Berenice está com roupas diferentes da primeira entrevista.

BERENICE

(*ar cansado*) Eu já contei...

PAULA (FQ)

Tu contou que foi encontrar o Dante no hotel, conversou com ele e pediu que ele devolvesse os fósseis que tinha retirado.

BERENICE

Isso mesmo. Aí ele disse que estava pensando em pedir o embargo das obras. Eu fiquei apavorada. Sabia que o Ciro ia ficar furioso. Eu disse pra ele... Eu fiz o Dante me prometer que ia esquecer tudo aquilo e nos deixar em paz.

PAULA (FQ)

E ele aceitou.

BERENICE

É.

PAULA (FQ)

E aí tu saiu.

BERENICE

Eu saí.

Uma pausa longa. Berenice está nervosa.

PAULA (FQ)

Eu sei que não foi assim. Tu teve uma relação sexual com o Dante nessa noite.

Berenice fica surpresa e ainda mais nervosa.

PAULA (FQ)

Eu preciso saber o que aconteceu. Ninguém vai ver essa fita. Se tu quiser, eu desligo a câmera.

Berenice pensa um pouco.

BERENICE  
Desliga, por favor.

A imagem desaparece.

CENA 74 - HOTEL - INTERIOR - NOITE

Berenice entra no quarto, com um curativo no supercílio.

BERENICE  
Eu confiei em ti, Dante.

Dante não consegue dizer coisa alguma.

BERENICE  
Eu nunca pensei... *(olha em volta)* O Devanor ouviu um barulho, as pegadas na areia, as marcas dos pneus do carro. Foi avisar o Ciro, mas ele não tava em casa. Deve estar bebendo por aí. Aí pensei: só tu sabia... *(pausa)* Tu nem imagina o que pode acontecer se o Ciro souber que alguém tava roubando...

Berenice senta na cama, preocupada.

BERENICE  
*(em voz baixa)* Ele pode te matar. *(pausa)* E ele pode me matar.

DANTE  
É uma descoberta importante...

BERENICE  
Ele disse que ninguém mais vai mexer na barranca. A obra não vai parar, Dante. Tu não conhece o Ciro. Se ele souber que eu comecei essa confusão... Nós estamos endividados. O camping tem que estar funcionando no ano que vem.

DANTE  
É só mudar um pouco de lugar.

BERENICE  
*(fica ainda mais nervosa)* Tenta entender, Dante: ele não vai querer conversar. *(pausa)* Só de te ver naquele dia...

Berenice começa a chorar. Dante aproxima-se dela. Senta ao seu lado na cama. Berenice chora mais alto. Dante a abraça, meio sem-jeito. Berenice o abraça com força.

BERENICE  
Eu não agüento mais.

DANTE  
Não agüenta o quê?

Berenice enxuga os olhos.

BERENICE  
Tu acha que eu sou bonita?

Dante está confuso. Não sabe o que dizer.

DANTE  
Claro que é.

BERENICE  
(*volta a chorar*) Eu não me acho mais bonita. Eu não sei mais pra que serve ser bonita. Ontem ele disse que eu estou feia. Eu estava dormindo e ele me pegou. Eu tentei me soltar, mas ele me segurou. Então ele disse que eu era bonita, mas agora sou feia. Ele disse que não quer mais olhar pra mim. Ele disse que só bebendo muito pra olhar pra mim.

DANTE  
Ele te bateu?

Berenice tira a parte de cima do vestido, ficando de sutiã. Há um hematoma num dos ombros. Dante desvia os olhos.

BERENICE  
Tu não quer olhar pra mim? (*pausa*) Olha pra mim.

Dante volta a olhar pra ela.

BERENICE  
Quando a gente era criança, tu sempre olhava pra mim de um jeito... Eu pensei que tu gostava de mim.

Berenice começa a tirar o resto da roupa. Dante não faz gesto algum. Berenice pega a mão de Dante e faz com que ele a toque no seio. Depois, lentamente conduz a mão de Dante pelo seu corpo. Dante fica parado, olhando para ela fixamente. Berenice beija Dante, que aos poucos corresponde.

BERENICE  
Diz que me quer.

Dante hesita.

BERENICE  
Diz.

DANTE



Eu te quero.

BERENICE

*(meio chorando, meio sorrindo)* Eu também te quero.

Berenice tira a camisa de Dante e depois empurra-o suavemente até que ele deita na cama. Dante olha para Berenice. Sempre com suavidade, Berenice tira a calça de Dante e a sua própria roupa. Berenice fica de joelhos sobre o corpo de Dante. Ela pega a mão de Dante e a conduz para o seu ventre. Conduz a carícia por alguns segundos. Depois levanta-se um pouco sobre os joelhos e encaixa. Dante continua olhando para Berenice. Os dois transam suavemente, com Berenice sempre tomando a iniciativa e guiando as ações.

CENA 75 - HOTEL / QUARTO - INTERIOR - NOITE

Berenice começa a vestir-se. Dante, ainda deitado, acompanha os movimentos de Berenice.

BERENICE

*(vestindo-se)* Eu quero que tu me prometa uma coisa. Que vai voltar pra Porto Alegre, assim que amanhecer, e não vai fazer nada que ameace a obra.  
*(pausa)* Tu promete?

DANTE

Prometo.

Berenice sorri para Dante.

BERENICE

Obrigado.

Berenice beija Dante no rosto e caminha na direção da porta. Antes de sair, vira-se para Dante.

BERENICE

Pode ficar com as coisas que tu tirou da barranca, mas esconde bem.

CENA 76 - HPSP / SALA DE CONTENÇÃO - INTERIOR - DIA

Paula entra na sala de contenção, acompanhada de Estevão. Ela leva a sacola do computador a tiracolo. Dante está deitado numa cama, amarrado pelos pulsos e tornozelos. Olha para Paula. Parece tranquilo. Estevão vai soltando Dante aos poucos, sob o olhar atento de Paula. Quando fica livre, Dante levanta-se rapidamente. Estevão dá um passo à frente, colocando-se entre Dante e a médica. Dante busca os olhos de Paula, que sorri, tranquilizadora.

PAULA  
Tá tudo bem.

Dante aponta para o computador.

DANTE  
Eu quero.

PAULA  
Tu quer ver os vídeos?

Dante sacode a cabeça.

DANTE  
Não. Entrar.

PAULA  
Entrar onde?

Dante aponta para o computador.

PAULA  
Tu não pode entrar no computador, Dante.

DANTE  
Eu quero.

PAULA  
São vídeos. Eu fiz com uma câmera.

DANTE  
Eu quero entrar.

Paula pensa um pouco.

CENA 77 - HPSP - SALA DE CONTENÇÃO - INTERIOR - DIA

Vídeo amador. Dante olha para a câmera, ainda inseguro.  
Entrevista D1.

PAULA (FQ)  
A Berenice me contou uma coisa muito importante:  
que vocês ficaram juntos aquela noite, no hotel.  
(pausa) Que transaram. Tu lembra disso?

Dante olha para Paula, depois para a câmera. Não responde.

PAULA (FQ)  
O que tu lembra, Dante?

Dante está confuso.

DANTE  
Ela foi embora. Depois... René.

PAULA (FQ)  
O que tem a René?

DANTE  
Ela veio.

PAULA (FQ)  
Onde?

DANTE  
No quarto.

CENA 78 - HOTEL / QUARTO - INTERIOR - NOITE

A porta abre devagar. É René. Dante, ainda nu, puxa o lençol para cobrir-se melhor. René faz de conta que não se importa com a nudez de Dante.

RENÉ  
Demorou... O que ela queria?

DANTE  
Nós temos que voltar pra Porto Alegre. Agora.

RENÉ  
Por quê?

DANTE  
Ela tá assustada.

RENÉ  
Dante, você sabe que esses fósseis são importantes. Aquela obra tem que ser embargada.

DANTE  
Eu prometi. O marido dela é violento. Pode acontecer alguma coisa ruim.

René senta na cama.

RENÉ  
Vocês eram namorados?

DANTE  
Não.

RENÉ  
Você gosta dela?

Dante não responde. René estende o braço e pega um dos curativos de Berenice, que estava nas dobras do lençol.

RENÉ

Pensei que você gostava de mim. *(pausa)* Parece que eu me enganei...

DANTE

Não. Eu gosto de ti.

RENÉ

Você tem um jeito estranho de mostrar que gosta de alguém.

Dante não sabe o que dizer.

RENÉ

Você falou de mim pra ela?

DANTE

Não.

René pensa por algum tempo. Olha para o relógio de pulso.

RENÉ

Tudo bem, nós vamos embora. E eu não vou pedir o embargo da obra. Prometo. Mas antes nós temos que fazer uma coisa.

Dante olha para René, preocupado.

CENA 79 - VILA DO TAIM / PROMONTÓRIO / BARRANCAS PERTO DA LAGOA MIRIM - EXTERIOR - NOITE / ALVORECER

Dante e René aproximam-se cuidadosamente da barranca e começam a escavar. Logo acham fósseis. René faz muitas fotos e toma notas num caderninho. Ela fica especialmente entusiasmada quando encontra o crânio do smilodon. Os ossos são colocados em vários sacos, que Dante transporta com dificuldade para o carro. Entram no carro e começam a voltar. O sol desponta no horizonte.

CENA 80 - ESTRADA DE TERRA - EXTERIOR - ALVORECER

René está dirigindo, com os olhos brilhando pela excitação da descoberta. Numa curva, aparece um carro no sentido contrário, bem no meio da pista. René é obrigada a frear. Quase batem. Ciro sai de dentro do carro, cambaleante.

CIRO

*(gritando)* Isso é propriedade particular.

Ciro aproxima-se, com dificuldade. Está bêbado.

DANTE  
É o marido da Berenice. Vamos embora.

RENÉ  
Não dá pra passar.

DANTE  
Então volta.

René faz uma manobra rápida, dá uma ré e consegue fazer o retorno. Ciro volta correndo para o seu carro. René dirige rápido. Ciro entra no carro, liga e tenta arrancar, mas está tão bêbado que não consegue. O carro de René desce o acesso à praia. O carro de Ciro tenta arrancar, mas anda poucos metros e entra numa macega. Ele tenta botar uma ré, mas não consegue.

CIRO  
Caralho.

René acelera, consegue passar a areia mais fofa e atingir a areia da beira do mar. O carro de René segue pela areia em alta velocidade na direção sul.

CENA 81 - PRAIA - INTERIOR/EXTERIOR - ALVORECER / MANHÃ

Dante e René no carro.

RENÉ  
Ele está aí atrás?

DANTE  
Não.

René continua dirigindo.

CENA 82 - PRAIA / FIGUEIRA - EXTERIOR - ALVORECER / MANHÃ

René vê uma figueira e faz uma curva. René leva o carro até lá, escondendo-o parcialmente. Estaciona e apaga os faróis. René sai do carro.

DANTE  
Onde tu vai?

René abre a porta traseira e pega os fósseis.

RENÉ  
Olhar isso aqui. O cara tava bêbado. Não vai conseguir nos achar.

Dante também sai do carro. René vai colocando os fósseis lado a lado, na areia, como se fosse um quebra-cabeça. Senta na areia e parece "ler" os fósseis. Pega a câmera e dá uma olhada nas fotos que fez na barranca. Dante senta ao seu lado.

RENÉ

Como os ossos ficaram misturados dessa maneira? Eles estavam praticamente empilhados.

DANTE

Um enterro... um enterro ritual.

RENÉ

Com um tigre inteiro? Não. Eles teriam usado as presas, ou o crânio. Nunca todo o esqueleto. *(pensa mais um pouco e mostra a ponta tipo rabo de peixe)* Essa pedra lascada estava no meio dos ossos do smilodon. Talvez seja a ponta de uma lança. Talvez seja a explicação para a morte do tigre.

René faz de conta que está dando um golpe com uma lança, de cima para baixo.

RENÉ

Dante, esses fósseis vão mudar as nossas vidas. São uma descoberta fantástica. Eu vou falar com o dono do terreno, explicar pra ele. Eles podem explorar o sítio arqueológico, ganhar um monte de dinheiro. É só trocar o lugar do camping.

DANTE

Não. A Berenice pediu...

RENÉ

*(olha para Dante, tranqüilizadora)* Vai dar tudo certo.

DANTE

Nós temos que devolver todos os fósseis.

RENÉ

Você é um cientista. Você não sente que está perto de fazer uma descoberta extraordinária? *(hesita um pouco)* Claro... A descoberta é sua, eu apenas ajudei a identificar e...

DANTE

*(cortando)* A descoberta é nossa.

RENÉ

Nossa? *(os olhos brilham, ela hesita)* Estávamos juntos quando achamos os crânios, isso é verdade.

(*olha para Dante*) Essa é a decisão mais importante da tua vida. Pensa bem. Se aquele sujeito botar a mão nesses fósseis, vai quebrar tudo, e nós nunca vamos nos perdoar por isso. Nunca.

Dante olha para ela. René levanta-se abruptamente e caminha na direção das árvores que formam um pequeno abrigo natural. Dante vai atrás dela.

DANTE  
O que foi?

RENÉ  
Eu tô me enganando. Tô imaginando coisas.

DANTE  
Imaginando o quê?

RENÉ  
Tudo. Você gosta daquela mulher.

DANTE  
Não. Eu gosto de ti.

René pára, vira-se e encara Dante.

RENÉ  
E por que você não disse isso antes?

DANTE  
Não sei. Tô dizendo agora. (*pausa*) Eu gosto de ti.

RENÉ  
E se eu disser que eu também gosto de ti?

DANTE  
Eu... Acho que não vou acreditar.

René dá as costas para Dante e volta a afastar-se dele. Dante vai atrás. Dante tenta tocar no ombro de René, mas ela se esquiva e acelera o passo. Dante aproxima-se dela. René tenta andar ainda mais rápido, mas Dante vai se aproximando aos poucos. Dante consegue tocar René, mas ela o repele, mudando de rumo. Dante a abraça pelas costas. René ainda resiste. Dante a beija, uma, duas, três vezes. René finalmente corresponde. Os dois se beijam. Pouco a pouco, voltam para a praia (ou para as ruínas). René tira a roupa de Dante, com gestos bruscos. Ele, pouco a pouco, se solta e consegue tomar a iniciativa. Transam.

CENA 83 - HPSP - SALA DE CONTENÇÃO - INTERIOR - DIA

Vídeo amador. Dante fala. Entrevista D1.

DANTE  
Foi assim.

PAULA (FQ)  
E depois?

CENA 84 - FIGUEIRA - EXTERIOR - ALVORECER / MANHÃ

Dante, deitado na areia, parcialmente coberto com suas roupas, acorda. Está sozinho. Vê o carro e volta para ele. René está examinando os fósseis. René olha para ele.

RENÉ  
Acho que eu sei como aconteceu.

CENA 85 - HPSP / SALA DE CONTENÇÃO - INTERIOR - DIA

Vídeo amador. Dante. Entrevista D1. Dante olha para a câmera, mas continua calado.

PAULA (FQ)  
E então...

DANTE  
Ela contou uma história.

PAULA (FQ)  
Que história?

Dante fica perturbado. Olha para os lados.

DANTE  
Eu não lembro.

PAULA (FQ)  
E depois que ela contou essa história, o que aconteceu?

DANTE  
Nós voltamos.



CENA 86 - ESTRADA - EXTERIOR - DIA

René dirige. Dante olha para ela, que sorri, feliz. O carro passa pela reserva do Taim. Um bando de flamingos alça vôo bem perto do acostamento. Dante olha para os flamingos e depois para René. René só olha para a estrada à sua frente.

CENA 87 - HPSP / SALA DE CONTENÇÃO - INTERIOR - DIA

Vídeo amador. Dante fala. Entrevista D1.

DANTE

Quando chegamos em Porto Alegre, ela foi pro hotel, disse que precisava descansar. Eu fui pra casa. Logo depois, a Berenice apareceu.

CENA 88 - APARTAMENTO FAMÍLIA BECKER / QUARTO - INTERIOR - DIA

Berenice entra no quarto de Dante. Está bem nervosa.

BERENICE

Dante, pelo amor de Deus, o que aconteceu? O Ciro disse que viu um carro com duas pessoas perto das obras.

Dante não responde.

BERENICE

Contou que o carro quase bateu nele e depois fugiu. Ele devia tá bêbado, mas tem certeza que eram duas pessoas. Tu tem alguma coisa a ver com isso?

DANTE

Não.

Berenice senta. Continua nervosa.

BERENICE

Ele já sabe que eu tô em Porto Alegre. Joga fora o que tu pegou. Some com tudo. Ele pode te procurar, pode querer se vingar...

DANTE

Se vingar do quê?

BERENICE

De tudo. O porteiro do hotel sabe que entrei no teu quarto. O Ciro é muito ciumento. (pausa) Eu tô falando sério. Ele tem uma arma.

O celular da Berenice toca. Ela verifica o número.

BERENICE

É ele.

Berenice atende, nervosa.

BERENICE

Não, não tô na mãe. Eu tô... *(hesita)* Tô no shopping. *(ouve por algum tempo)* Não, Ciro. Não é nada disso. *(ouve mais um tempo)* Eu não sei que horas eu vou na mãe... Ciro!

Berenice baixa o celular e olha para Dante. Está bem assustada.

BERENICE

Ele está numa delegacia. Deu queixa. Ele sabe teu nome, vai descobrir teu endereço. É melhor tu sair daqui.

CENA 89 - HOTEL / RECEPÇÃO - INTERIOR - DIA

Dante aproxima-se da portaria e pergunta alguma coisa para a recepcionista.

CENA 90 - HOTEL / QUARTO - INTERIOR - DIA

René toma um vinho, deitada na cama. Batidas na porta. René levanta-se e abre a porta. Dante entra.

DANTE

A Berenice disse pra sumir com todos os fósseis. Onde eles estão?

RENÉ

Levei pra universidade. Eles têm que ser embalados direito. A Laura está ajudando.

DANTE

O marido da Berenice tá aqui, numa delegacia. Deu queixa. Disse que a propriedade dele foi roubada, e que fui eu que roubei. *(pausa)* A Berenice diz que ele tem uma arma.

René parece não acreditar na gravidade da situação.

RENÉ

Eu fiz umas fotos e mandei pela internet pra Los Angeles. Eles ficaram muito interessados.

DANTE

Tu não me ouviu?

RENÉ

Ouvi. *(pausa)* Eles compararam as fotos com os arquivos da universidade. Precisamos fazer a datação, mas... Eu estou... Nem sei dizer o que estou sentindo. É maravilhoso. *(pausa)* Dante, nós temos que ir embora daqui.

DANTE

Embora pra onde?

RENÉ

Pra Los Angeles. Eu conheço tudo por lá. Nunca iriam nos encontrar. Nós levamos os fósseis, e eles guardam tudo. Eu pago a passagem e arrumo uma ocupação pra você. Você é arqueólogo, eu conheço...

DANTE

Eu não sou arqueólogo.

RENÉ

Claro que é. Você sabia que aquele dente era importante. Pensa. Tem alguma coisa que prenda você aqui? Seu pai?

DANTE

Não.

RENÉ

Então vamos. *(pensa um pouco)* Você tem passaporte?

DANTE

Não.

Ela olha para Dante, aparentemente preocupada.

RENÉ

Eu consigo o visto. Mas eu preciso do passaporte. Você não tem alguém que possa ajudar?

Dante olha para René.

DANTE

Talvez. Meu pai era da polícia.

RENÉ

*(olha o relógio de pulso)* Ótimo! Vou comprar as passagens e ir na universidade pegar os fósseis. Eu te espero lá. Depois vamos juntos pro aeroporto. Tudo bem?

Dante está confuso. René aproxima-se dele e faz um carinho.

RENÉ

Confia em mim, Dante.

René beija Dante.

CENA 91 - BAR - INTERIOR - DIA

Seu Gregório e Dante conversam no balcão. Seu Gregório está bebendo uma cerveja.

SEU GREGÓRIO

Tem sempre alguém devendo um favor pra alguém na polícia. *(pausa)* Onde tu conseguiu o dinheiro pra passagem?

DANTE

Uma bolsa de estudos.

SEU GREGÓRIO

E a bolsa também paga o passaporte?

DANTE

Paga.

SEU GREGÓRIO

E por que a gente não podia se encontrar em casa?

Dante pensa um pouco.

DANTE

Porque essa é a hora da tua cerveja.

Seu Gregório esvazia o copo e olha para o filho.

SEU GREGÓRIO

Dante, tu tá aprendendo a mentir. Muito bem.

CENA 92 - SALA DA POLÍCIA FEDERAL - INTERIOR - DIA

Dante está assinando o passaporte. Um ESCRIVÃO, 40 anos, acompanha o ato. Seu Gregório, sorridente e orgulhoso do feito, aproveita para contar vantagem.

SEU GREGÓRIO

O meu filho não acreditava que eu ia conseguir.

Dante termina de assinar. O escrivão entrega o passaporte para Dante, que o põe no bolso. A porta abre e o delegado ZANATA, 50 anos, entra.

SEU GREGÓRIO

Tudo certo, Zanata. Obrigado.

ZANATA

(para o *escrivão*) Já entregou o passaporte?

ESCRIVÃO

Já.

ZANATA

(para *Seu Gregório*) Aconteceu uma coisa estranha quando pedi as informações do seu filho no sistema. Tem uma queixa contra ele.

SEU GREGÓRIO

Que queixa?

ZANATA

De roubo.

SEU GREGÓRIO

Deve ser um engano do sistema. Meu filho nunca fez nada errado. Nunca. Nem briga no colégio, nem doença venérea. Nada. (pausa) Acho até que tem uma coisa errada com ele.

Seu Gregório ri, acompanhado por Zanata.

ZANATA

Deve ser uma coincidência de nomes. Mas eu tive que relatar o fato pra Delegacia de Roubos, que entrou em contato com o autor da queixa. Ele tá vindo pra cá.

Seu Gregório olha rapidamente para Dante e sorri para Zanata.

SEU GREGÓRIO

E tu quer que a gente espere por ele?

ZANATA

Quero.

SEU GREGÓRIO

E quer o passaporte de volta?

Zanata pensa um pouco.

ZANATA

Não. Podem esperar na minha sala.

SEU GREGÓRIO

Já vamos pra lá.

Zanata olha para o *escrivão* e sai. O *escrivão* levanta-se e fica olhando para os dois.

SEU GREGÓRIO  
Eu tenho que ir no banheiro. Ainda é no fundo do corredor?

ESCRIVÃO  
É.

SEU GREGÓRIO  
E a porta ainda tranca?

ESCRIVÃO  
(sorrindo) De vez em quando.

SEU GREGÓRIO  
(para Dante) Então, vem comigo, filho, que talvez eu precise de ajuda.

Os dois saem. O escrivão vai atrás deles.

CENA 93 - BANHEIRO - INTERIOR - DIA

Pai e filho entram no banheiro.

SEU GREGÓRIO  
Que história é essa? Quem é esse cara que tá vindo pra cá?

DANTE  
É o marido da Berenice.

SEU GREGÓRIO  
Tu roubou o que dele?

DANTE  
Nada. (pausa) Pai, esse cara é perigoso, anda armado.

SEU GREGÓRIO  
(entusiasmado) Já sei. Tu comeu a mulher dele. Tu comeu a Berenice!

Dante não responde.

SEU GREGÓRIO  
(satisfeito) Eu pensei que tu era um caso perdido. Mas não é! Tu tá despertando pra vida, filho. Presta atenção no que nós vamos fazer.

CENA 94 - CORREDOR NA POLÍCIA FEDERAL, EM FRENTE À PORTA DO BANHEIRO - INTERIOR - DIA

Seu Gregório sai do banheiro e sorri para o escrivão.

SEU GREGÓRIO

Meu filho vai ter que fazer... Tu sabe... O número dois. E não tem papel higiênico.

O escrivão não se mexe. Olha para Seu Gregório, desconfiado.

SEU GREGÓRIO

Se tu disser onde eu posso encontrar, vou lá num instante.

O escrivão aponta para o outro extremo do corredor.

ESCRIVÃO

Deve ter ali na despensa. Última porta à direita.

SEU GREGÓRIO

Ótimo.

Seu Gregório passa pelo escrivão e caminha na direção apontada. Quando chega na porta, tenta abri-la, mas não consegue. Força a porta, que resiste.

SEU GREGÓRIO

*(em voz bem alta, para o escrivão)* Tá trancada!

ESCRIVÃO

Essa porta nem tem chave.

SEU GREGÓRIO

*(ainda forçando)* Mas não abre.

O escrivão caminha na direção de Gregório, dando as costas para a porta do banheiro. Dante sai, sem fazer barulho, fecha a porta outra vez, anda até o meio do corredor e dali consegue sair para outro cômodo sem ser visto. Quando o escrivão está quase chegando, Seu Gregório força a porta outra vez e consegue abri-la.

SEU GREGÓRIO

Porra! Finalmente... Tava emperrada!

O escrivão olha para a porta do banheiro enquanto Seu Gregório pega o papel higiênico. Depois voltam juntos para o outro extremo do corredor. Seu Gregório entra no banheiro e volta pouco depois, sorridente.

SEU GREGÓRIO

Ele disse que ainda vai demorar um pouco. Esse menino sempre teve prisão-de-ventre. Eu sempre digo: come ameixa, meu filho, mas ele não me ouve...

Seu Gregório senta e olha para o escrivão.

SEU GREGÓRIO

Acho melhor o senhor sentar também.

CENA 95 - RUA PERTO DA POLÍCIA FEDERAL - EXTERIOR - DIA  
(CREPÚSCULO)

Dante acena para um táxi e embarca. O táxi arranca. Dante olha para a paisagem. Está tenso.

CENA 96 - HPSP - SALA DE CONTENÇÃO - INTERIOR - DIA

Vídeo amador. Entrevista D1. Dante olha para a câmera e não diz nada. Está muito tenso.

PAULA (FQ)

Dante, o que foi?

Dante permanece mudo.

PAULA (FQ)

Se tu quiser, a gente continua depois.

DANTE

*(baixinho)* Depois? *(mais alto)* Tu vai embora!

PAULA

Não. Eu estou aqui. Não vou a lugar nenhum.

Dante levanta-se, caminha na direção da câmera.

DANTE

Tu vai me deixar sozinho.

Estevão entra em quadro, de costas, e pega o braço de Dante, que reage com violência. Outro enfermeiro também entra em quadro. Os dois tentam dominar Dante, que continua gritando.

DANTE

Tu vai embora! Tu vai embora!

Dante agride Estevão violentamente. Estevão cai. O outro enfermeiro tenta imobilizar Dante. A imagem congela.

CENA 97 - HPSP / SALA DO DR.SÉRGIO - INTERIOR - DIA

O computador de Paula está sobre a mesa do Dr. Sérgio. Ele olha para a tela, que exhibe a imagem congelada de Dante em plena crise.



SÉRGIO  
Qual é dose atual de clozapina?

PAULA  
Eu diminuí um pouco.

SÉRGIO  
Qual é a dose, doutora?

PAULA  
Vinte miligramas por dia.

SÉRGIO  
De cinquenta pra vinte!

PAULA  
Agora ele é um ser humano outra vez.

SÉRGIO  
Um ser humano perigoso.

PAULA  
O perigo tá dentro dele, e não fora.

SÉRGIO  
Quem garante?

Paula não sabe o que dizer.

SÉRGIO  
E quem garante que essa história é verdadeira? Pode ser tudo um delírio.

PAULA  
Se fosse, ele não lembrava.

SÉRGIO  
Também pode ser uma mentira.

PAULA  
Eu acredito nele.

SÉRGIO  
Ele é um esquizofrênico, doutora. Como tu pode acreditar nele?

Paula não tem resposta. Olha para o chão.

SÉRGIO  
Pra que revirar esse passado? Talvez seja ruim pro Dante. A gente nunca vai saber o que aconteceu exatamente.

Paula volta a encarar Sérgio.

PAULA

Mas agora eu sei muito mais do que eu sabia antes.

CENA 98 - POUSADA DE BERENICE - INTERIOR - DIA

Vídeo amador. Entrevista B2. Berenice fala para a câmera.

BERENICE

Tudo podia ter acontecido de outro jeito. Mas o  
Ciro estava lá.

CENA 99 - RUA PERTO DA POLÍCIA FEDERAL - EXTERIOR - DIA  
(CREPÚSCULO)

Ciro está saindo de um táxi em frente ao prédio da Polícia Federal (calçada oposta). Dante, em frente à PF, aparece na calçada e faz sinal para um táxi, que pára. Ciro vê Dante embarcando. O táxi arranca. Ciro volta para o seu táxi, que também arranca.

CENA 100 - AVENIDA / FACHADA DO MUSEU - EXTERIOR - NOITE

O táxi de Dante pára em frente ao museu. Dante desce. O táxi de Ciro estaciona logo atrás. Ciro desce do carro. Dante fala com um PORTEIRO e entra. Ciro aproxima-se da porta. Ciro tenta entrar, mas é barrado. Ele e o porteiro começam a discutir asperamente. Não ouvimos o que eles discutem (trilha bem alta). Ciro afasta-se um pouco, pega o celular e começa a discar.

CIRO

Delegado Rubens? *(pausa)* Encontrei o ladrão.

CENA 101 - APARTAMENTO FAMÍLIA BECKER / SALA - INTERIOR - DIA

Vídeo amador. Entrevista G1. Seu Gregório continua falando.

SEU GREGÓRIO

Quando o Zanata desligou o telefone, eu sabia que  
tinha dado zebra.

CENA 102 - SALA DA POLÍCIA FEDERAL - INTERIOR - DIA

Zanata coloca o telefone no gancho e olha para Seu Gregório, preocupado.

ZANATA

Era o Rubens, da Roubos. O seu filho foi localizado. Mas a delegacia tá sem efetivo agora. Vão demorar um pouco pra mandar alguém.

GREGÓRIO

Ele se meteu em alguma merda, Zanata. Quem sabe a gente vai atrás?

CENA 103 - SALA DE LAURA / SALA - INTERIOR - DIA

Vídeo amador. Entrevista L1. Laura continua falando.

LAURA

Quando o Dante chegou, eu ainda tava embalando tudo.

CENA 104 - SALA DE LAURA - INTERIOR - NOITE

Dante entra na sala. Laura está colocando fita crepe em vários pacotes.

LAURA

Oi, Dante. Eu já ia ligar pra René. Ela tá no museu, aqui do lado.

CENA 105 - SALA DE LAURA - INTERIOR - DIA

Vídeo amador. Entrevista L1. Laura continua falando.

LAURA

O Dante saiu. Eu terminei de embalar os fósseis e fui procurar os dois.

PAULA (FQ)

Quanto tempo eles ficaram sozinhos no museu?

LAURA

Sei lá. Uns cinco minutos.

CENA 106 - MUSEU - INTERIOR - NOITE

René está em frente à coleção de paleontologia, olhando as peças, com ar distante. Dante aproxima-se lentamente. Pára. Olha. René ainda não percebeu a chegada de Dante. Ele dá mais um passo em frente.

DANTE

René.

René vira-se para ele. Dante olha para ela, ainda confuso.

CENA 107 - POUSADA DE BERENICE - INTERIOR - DIA

Vídeo amador. Entrevista B2. Berenice fala para a câmera.

BERENICE

Como eu não percebi que ele estava apaixonado pela René? Eu fui tão boba...

PAULA (FQ)

Como tu chegou no museu?

BERENICE

O Dante sumiu. Fui na casa dele, tentei localizar o Seu Gregório... Fiquei desesperada, e aí liguei pro Ciro. Ele me disse que estava no museu. E que ia pegar o Dante.

CENA 108 - APARTAMENTO DE SEU GREGÓRIO / SALA - INTERIOR - DIA

Vídeo amador. Entrevista G1. Seu Gregório fala.

SEU GREGÓRIO

Quando a gente chegou, ele ainda não tinha conseguido entrar.

CENA 109 - MUSEU / FACHADA - EXTERIOR - NOITE

Um carro de polícia estaciona. Zanata e Seu Gregório desembarcam e correm na direção da entrada do museu, onde estão Ciro e o porteiro. Zanata mostra sua credencial.

CENA 110 - MUSEU - INTERIOR - NOITE

Zanata, Ciro e Seu Gregório entram no museu. Ciro, gesticulando muito, conversa com Zanata. O porteiro vai acendendo as luzes. Eles sobem as escadas rolantes rapidamente, olhando para os lados e tentando encontrar Dante. Ciro aponta como se tivesse visto alguma coisa. Zanata, Ciro e Seu Gregório chegam na paleontologia. René fica surpresa e tensa com a movimentação. Dante, contudo, olha para tudo e todos como se nem estivesse ali. Está com uma das mãos no bolso.

CIRO

*(apontando para Dante)* É ele.

ZANATA

*(para Dante)* Dante Becker!

Dante não reage. Continua parado.

ZANATA

Tira a mão do bolso, por favor.

Dante continua parado, totalmente alheio ao que acontece. Zanata olha para Seu Gregório. Zanata pega a sua arma, mas a mantém apontada para o chão.

SEU GREGÓRIO

Meu filho, obedece.

Nada.

ZANATA

Eu tô perdendo a paciência. Tira a mão do bolso!

Laura junta-se ao grupo, preocupada.

SEU GREGÓRIO

Não precisa nada disso, Zanata. Ele não tem arma nenhuma.

ZANATA

Ele não obedece, porra!

SEU GREGÓRIO

Dante, tira a mão do bolso.

CIRO

Ele tem uma arma. É um filho da puta de um ladrão. *(para Dante)* Cadê as coisas que tu levou do meu terreno?

Berenice está chegando, acompanhada do porteiro, sem ser vista.

BERENICE

Ele não é ladrão.

Zanata percebe a chegada das duas mulheres.

ZANATA

Quem é a senhora?

BERENICE

Eu sou a proprietária do terreno.

CIRO

A propriedade também é minha! Ele roubou! *(para Zanata)* Tu não vai prender esse ladrão?

ZANATA

(para *Ciro*) O senhor, fique quieto! (para *Dante*) Eu vou pedir pela última vez. Tira a mão do bolso.

Dante finalmente começa a mexer sua mão. Tira do bolso um saco plástico.

ZANATA  
O que tem aí dentro?

Dante tira a presa de smilodon do plástico.

GREGÓRIO  
Eu disse. É só um pedaço de osso velho. Foi um mal-entendido. (aponta para *Berenice*) Ela é amiga do meu filho desde criança.

Zanata guarda sua arma, aliviado.

CIRO  
Ele tá segurando a prova do roubo.

BERENICE  
Ele não roubou nada. Eu dei esse osso pra ele.

Zanata olha para *Ciro*, aborrecido.

CIRO  
(irritado, para *Berenice*) Cala a boca!

BERENICE  
(para *Zanata*) O meu marido não sabe o que aconteceu. Eu pedi para o Dante avaliar esse osso que eu achei nas obras. Não teve roubo nenhum. (pausa) As terras estão no meu nome.

*Ciro* olha para *Berenice* como se quisesse matá-la.

CIRO  
(baixinho) Sua puta!

Zanata olha para *Ciro* e percebe que ele está transtornado.

ZANATA  
O senhor vai ter que se entender com a sua esposa. Se ela entregou o material, não houve roubo nenhum. O senhor tem mais alguma acusação?

*Ciro* está confuso. Olha para *Berenice*, furioso. Não sabe o que dizer.

ZANATA  
(para *Seu Gregório*) Acho que foi mesmo um mal-entendido.

Ciro saca uma arma.

CIRO  
(para Dante) Tu não vai sair dessa.

Zanata volta a sacar sua arma.

ZANATA  
Abaixa essa arma.

CIRO  
(para Dante) Confessa, filho da puta, confessa o que tu fez com a minha mulher.

Dante parece "acordar" depois de ouvir Ciro e olha para ele.

CIRO  
Fala, desgraçado!

ZANATA  
Não vou avisar de novo. Abaixa essa arma.

CIRO  
Só depois que ele confessar. (para Dante) Confessa!

BERENICE  
Ele não tem nada pra confessar.

Ciro vira-se para Berenice.

CIRO  
Cala a boca, sua puta!

ZANATA  
Tu tá fazendo uma bobagem muito grande. Abaixa essa arma!

Ciro volta a encarar Dante.

CIRO  
Tu roubou a minha propriedade e comeu a minha mulher. Confessa!

Dante, ainda segurando a presa, dá alguns passos na direção de Ciro, que não sabe o que fazer.

SEU GREGÓRIO  
Dante. Pára!

Dante ergue o dente e mostra-o para Ciro.

CIRO  
Seu louco filho da puta...

BERENICE

Ciro, pelo amor de Deus! Ele não tem culpa. Fui eu!

Ciro vira-se para Berenice.

CIRO

Então tu vai junto.

Ciro aponta para Berenice. Dante dá um golpe com a presa no pescoço de *Ciro*, atingindo-o de raspão. *Ciro* grita de dor e aponta para Dante, que está parado, imóvel, mas Zanata atira antes, atingindo *Ciro* no peito. *Ciro* ainda tenta reagir, levanta a arma, mas Zanata atira outra vez. *Ciro* está morto. Dante olha para Berenice e depois para René. A presa cai da sua mão. Dante desaba ao lado da presa, com o corpo contraído.

CENA 111 - SALA DE LAURA / SALA - INTERIOR - DIA

Vídeo amador. Entrevista L1. Laura continua falando.

LAURA

Eu achei que ele tava ferido... Mas não. Não tava. Ele só tinha desmaiado.

CENA 112 - APARTAMENTO FAMÍLIA BECKER / SALA - INTERIOR - DIA

Vídeo amador. Entrevista G1. Seu Gregório fala.

SEU GREGÓRIO

Quando era pequeno, estava sempre com a mãe, eu mal conseguia brincar com ele. Ele cresceu, e a gente nunca conversava. Aí, quando eu me aposentei, pensei: vou recuperar o tempo perdido, vou conhecer meu filho. Mas não consegui. *(pausa)* É triste isso, sabe? Um pai que não consegue falar com o filho.

CENA 113 - POUSADA DE BERENICE - INTERIOR - DIA

Vídeo amador. Entrevista B2. Berenice fala para a câmera.

BERENICE

Se eu tivesse imaginado que tudo isso iria acontecer, teria jogado aquele osso fora. *(pausa)* Mas eu imaginei tanta coisa quando vi o Dante na TV. Tanta coisa boa... *(pausa)* A gente devia ter um botão na nossa cabeça que desligasse a imaginação, assim como a gente desliga a imagem da TV. Mas a gente não tem.



A imagem congela.

CENA 114 - SALA DE AULA - INTERIOR - DIA

A imagem congelada de Berenice, originada de um projetor, está na tela de uma sala de aula universitária, que abriga uma banca de avaliação composta por TRÊS PROFESSORES. O ambiente está na penumbra. O dr. Sérgio, sentado mais ao fundo, assiste à defesa. Paula, bem na frente, faz sua exposição.

PAULA

A comunicação com o paciente praticamente cessou depois da última crise. A medicação voltou ao nível anterior (*olha para Sérgio*), e não houve mais agressões. O paciente está melancólico, e sua única ocupação é fazer buracos no jardim. Interrompemos todas as atividades relacionadas com vídeo. Mesmo assim, dois meses atrás, ele apresentou outra vez um quadro de delírio. Eu fiz uma rápida edição.

Paula aciona o DVD.

CENA 115 - HPSP / JARDIM - EXTERIOR - DIA

Vídeo amador. Câmera meio tremida. Vemos Dante repetir os mesmos gestos da cena 6. No começo, Dante está agachado, olhando para a cadeira.

PAULA (OFF)

Como os senhores podem ver, o padrão das ações que eu relatei se repete.

Dante percebe alguma coisa ameaçadora, levanta-se e olha para a frente.

PAULA (OFF)

Não sabemos do que ele tem medo.

Dante transa com a cadeira.

PAULA (OFF)

De volta ao seu lugar, ele tem uma relação sexual com a cadeira.

Dante olha para alguma coisa apavorante e depois se atira para trás. Deitado, debate-se freneticamente. Depois consegue levantar-se e dar um golpe em alguma coisa. Volta a cair e fica imóvel.

PAULA (OFF)

Essa relação é interrompida por alguma coisa muito poderosa e assustadora. Depois de uma luta violenta, Dante morre.

A câmera aproxima-se. Dante está como morto: olhos fechados e respiração imperceptível.

PAULA (OFF)

Nesse dia, ele ficou mais de uma hora nessa posição.

Dante levanta-se e começa a cavar.

PAULA (OFF)

E depois voltou a cavar.

CENA 116 - SALA DE AULA - INTERIOR - DIA

A imagem de Dante cavando está no telão. Continua a exposição de Paula.

PAULA

Mas tem alguma coisa faltando, alguma coisa que ficou pra trás e continua oculta.

CENA 117 - MUSEU - INTERIOR - NOITE

Uma porta se abre num ambiente totalmente escuro. Vemos uma silhueta feminina entrando no ambiente. Acende-se a luz. Vemos algumas ossadas de animais em primeiro plano: uma preguiça, parte de um mamute e um tigre de dentes de sabre (smilodon). René aproxima-se desta última ossada e olha para ela.

PAULA (OFF)

Se a investigação continuasse, tenho quase certeza que encontraríamos um sentido para o que Dante faz.

CENA 118 - PRAIA - EXTERIOR - ALVORECER / MANHÃ

Dante, deitado na areia, parcialmente coberto com suas roupas, acorda. Está sozinho. Vê o carro e volta para ele. René está examinando os fósseis. René olha para ele.

RENÉ

Faz sentido... Acho que eu sei como aconteceu.

Dante olha para ela, curioso.

RENÉ

Você tem que imaginar esse lugar há uns onze mil anos.

CENA 119 - PROMONTÓRIO PERTO DE LAGOA MIRIM - EXTERIOR -  
DIA / CREPÚSCULO (11 mil anos antes do presente)

Uma fogueira arde no fim do dia. Sua luz mistura-se à do sol poente, que começa a desaparecer nas águas escuras de uma lagoa próxima, tão grande que parece o mar. Uma mão suja, com dedos meio tortos e unhas negras, coloca um rudimentar espeto de madeira sobre as labaredas. O espeto sustenta a carcaça de um pequeno animal, grosseiramente eviscerado. Um HOMEM e uma MULHER, jovens, magros, quase nus, estão sentados em volta do fogo, que arde sobre um terreno dominado por vegetação pobre e rasteira. A poucos metros da fogueira, um barranco de mais de dez metros separa o promontório onde está o casal pré-históricos de uma grande praia deserta. A poucos metros da fogueira, um barranco de mais de dez metros separa o promontório onde está o casal pré-histórico de uma grande praia deserta. O barulho das ondas, mesmo que distantes, rivaliza com o crepitar da madeira em chamas.

O Homem pega o espeto e começa a retirar a carcaça, sob o olhar esfomeado da Mulher. Repartem a comida e se preparam para comer, mas um ruído faz o Homem largar o assado, pegar uma lança primitiva no chão, dar alguns passos à frente e assumir uma postura de defesa. Ele grita, ameaçador, e depois observa o terreno por algum tempo. Nada acontece. O Homem volta para a fogueira. A Mulher o recebe com alegria. Os dois comem juntos. Saciados, começam a trocar algumas carícias, num ritual que lembra o dos macacos catando piolhos uns nos outros. A fogueira agora está quase extinta. Lentamente, as carícias evoluem para as preliminares de uma relação sexual. Com a movimentação natural do ato, afastam-se mais da fogueira. Enquanto os dois se divertem, são observados, cada vez mais de perto, por um terceiro personagem. Não sabemos quem ele é, pois temos acesso apenas ao seu ponto de vista. O casal começa a transar. O terceiro personagem aproxima-se sem fazer barulho. A relação sexual chega ao seu clímax.

Ouve-se um rugido terrível. A Mulher vê alguma coisa e grita. O Homem também vê, mas é tarde demais. Uma sombra atira-se sobre eles. Ouvimos o som da luta - rugidos, gritos, o entrecchoque de corpos - mas vemos apenas fragmentos confusos do que acontece. Assustados pelo barulho, pássaros levantam vôo sobre as águas da lagoa. O Homem, muito ensangüentado, ergue-se, pega a lança, ergue-a e, soltando um grito selvagem, lança um golpe de cima para baixo. Ouvimos o barulho de ossos quebrados. Os rugidos desaparecem. O Homem, depois desse último esforço, desaba.

Vemos, à distância, de um ângulo superior, os corpos do Homem, da Mulher e o de um grande felino, ensangüentados e amontoados uns sobre os outros, perto da fogueira, sob a luz do sol poente. Eles parecem formar uma escultura macabra, em que não há fronteira entre o animal e o humano.

CENA 120 - MUSEU - INTERIOR - NOITE

René continua olhando para a ossada do smilodon. Toca a presa com o dedo.

PAULA (OFF)

Os livros dizem que é impossível curar alguém como o Dante, porque o delírio é uma espécie de cura.

CENA 121 - SALA DE AULA - INTERIOR - DIA

Continua a exposição de Paula. Continua a imagem de Dante cavando no telão.

PAULA

E, vendo o estado do paciente hoje, parece que os livros têm razão. Mas será que, depois de ver aqueles vídeos, e depois de ter recuperado por algum tempo a capacidade de comunicação, ele voltou a ser exatamente o que era antes, como se nada tivesse acontecido? Duvido.

No telão, Dante pára de cavar e olha para a frente.

CENA 122 - MUSEU - INTERIOR - NOITE

René está em frente à sessão de paleontologia. Dante aproxima-se pelas costas dela.

DANTE

René.

René vira-se para ele. Dante olha para ela. Está confuso. Ela está surpresa.

RENÉ

Oi, Dante.

Dante bota a mão no bolso da camisa e estende o passaporte, sorriso muito tímido no rosto. René fica surpresa. Esboça um sorriso.

RENÉ

O que é isso?

DANTE  
O passaporte. Meu pai ajudou.

RENÉ  
E por que você está me mostrando esse passaporte?

DANTE  
A viagem.

RENÉ  
Que viagem? (CLOSE 3D)

Dante demora para responder.

DANTE  
Para os Estados Unidos.

RENÉ  
Você pretende ir para os Estados Unidos?

Dante continua com o passaporte estendido. Está cada vez mais confuso.

DANTE  
Nós vamos juntos.

Ouvimos passos.

RENÉ  
Dante, não estou entendendo. Você deve estar imaginando coisas.

Dante, semblante inexpressivo, coloca o passaporte no bolso da camisa. René olha para o seu relógio de pulso.

RENÉ  
Eu estou atrasada. Você ainda está com aquela presa?

Dante coloca a mão no bolso da calça. O som dos passos fica mais alto.

CIRO (FQ)  
É ele.

Dante olha para trás. Está com uma das mãos no bolso.

ZANATA (FQ)  
Dante Becker!

Dante não reage. Continua parado.

ZANATA (FQ)  
Tira a mão do bolso, por favor.

CENA 123 - CEMITÉRIO - EXTERIOR - DIA

O menino das cenas iniciais, com a mão no bolso, assiste a um caixão ser baixado numa cova. A uma certa distância, a menina também assiste à cerimônia, com a mulher jovem às suas costas. Uma flor é jogada dentro da cova. O menino sai correndo.

SEU GREGÓRIO (FQ)  
Dante!

O menino corre muito. Passa por vários túmulos. Muda de direção algumas vezes. De repente está sozinho, nos limites do cemitério. Abaixa-se e começa a cavar com as mãos perto de um muro. Faz um buraco. Tira do bolso o chapéu amarelo que ganhou da menina e coloca-o no buraco. Tapa o chapéu com a terra. Bate no solo com o pé. Sai correndo.

CENA 124 - SALA DE AULA - INTERIOR - DIA

Paula está encerrando sua apresentação. No telão, Dante está cavando.

PAULA  
Freud escreveu que, ao contrário de uma neurose, a esquizofrenia não tem cura. Mas ele também dizia que o seu objetivo, em muitos casos, era transformar um sofrimento mental quase insuportável em infelicidade comum. É isso que podemos tentar. Não é muito. Talvez seja menos que nada. Mas é o que temos. Obrigada.

CENA 125 - HPSP / JARDIM INTERNO - EXTERIOR - DIA

Dante está cavando, com sua costumeira expressão alienada, nos limites do jardim (perto de um muro). De repente, ergue a cabeça e percebe que Úrsula está nas proximidades, observando-o, com o cachecol (ou lenço) amarelo no pescoço. Dante levanta-se, aproxima-se devagar e, sempre com movimentos delicados, retira o cachecol do pescoço de Úrsula e coloca-o em cima da cabeça da jovem, como se fosse um chapéu. Olha para Úrsula por um longo tempo. O rosto de Dante, pouco a pouco, vai passando da alienação à tristeza. (CLOSE 3D)

FADE-OUT

Créditos finais

\*\*\*\*\*

(c) Carlos Gerbase, 2010-2012  
<https://www.casacinepoa.com.br>